

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VII, CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DEUSILENE COSTA TEIXEIRA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: UM ESTUDO
DE CASO COM ALUNOS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

CODÓ, MA

2020

DEUSILENE COSTA TEIXEIRA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: UM ESTUDO
DE CASO COM ALUNOS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à coordenação de Pedagogia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Campus VII- Codó,

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

CODÓ, MA
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Teixeira, Deusilene Costa.

Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e na Escrita :
um estudo de caso com alunos do Programa Residência
Pedagógica / Deusilene Costa Teixeira. - 2020.
90 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2020.

1. Dificuldades de Aprendizagem. 2. Escola. 3.
Família. 4. Leitura e Escrita. I. Serra, Luís Henrique.
II. Título.

DEUSILENE COSTA TEIXEIRA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à coordenação de Pedagogia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Campus VII- Codó,

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra

APROVADA EM /10/06/2020.

NOTA 10

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra – UFMA
(Orientador)

Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda – UFMA
(1º Examinador)

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa - UFMA
(2ª Examinadora)

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma 'chaga', nem uma 'erva daninha' a ser erradicada (...), mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta.

Paulo Freire

Dedico este trabalho a minha família, que junto comigo, viveram todo o processo que percorri durante o curso. Bem como, aos meus colegas de turma, os quais foram fundamentais na minha caminhada, aos meus professores, que contribuíram para cada conhecimento adquirido, não poderia deixar de dedicar as crianças do residência que tive a satisfação de passar meus ensinamentos e o mais importante aprender com cada um deles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ser sempre dirigente em todos os momentos de minha vida, sobretudo durante o curso, o qual, pude sentir seus cuidados dando-me força e esperança para continuar naqueles momentos nos quais considerava difícil de prosseguir, com isso tendo a oportunidade de concluir minha graduação, por honra e Glória do Senhor.

Agradeço a toda minha família, minha mãe Maria de Sousa que sempre acreditou em minha pessoa e que com muita esperança sabia que sua filha apesar de um pouco tardio iria formar-se em um curso superior, sei que estou realizando não só o meu, mas também o sonho dela, ao meu pai Raimundo Ribeiro que mesmo não estando entre a gente em carne acredito que onde esteja, também esteja muito feliz pela conquista de sua filha.

Agradeço a família que formei, com Raimundo Teixeira meu esposo, e aos meus filhos: Maria Alice, Raimundo e Davi Luiz, foram eles que presenciaram relances que passei nessa caminhada, os momentos de realizações quanto aos de aflições. Considero que cada instante foram fundamentais para meu desenvolvimento, tanto humano quanto profissional, dando fruto a cada conquista adquirida.

Agradeço ao meu esposo e pais de meus filhos pelo tempo que dedicou a cuidar de tudo para que eu tivesse tempo a mais para dedicar aos meus estudos, depositou-me muita confiança, esses incentivos vieram sempre com a frase “*eu acredito em ti*”. Cuidou de tudo para que eu pudesse fazer dessa etapa menos carregada, esse apoio foi fundamental, obrigada.

Aos meus filhos, peço-lhes desculpas por muitas das vezes se fazer ausente, pois foram muitos momentos em que não tinha tempo para dar atenção que vocês precisavam, agradeço a Maria Alice, pois sendo a mais velha cuidou junto com seu pai de seus irmãos em momentos em que eu estava sobrecarregada com diversas atividades a serem realizadas tanto na UFMA, nos estágios, no programa residência pedagógica e nos artigos que escrevia, sei que com vocês me apoiando foi menos difícil, obrigada.

Agradeço a todos meus irmãos, sobrinhos cunhados e amigos em que indiretamente torceram para que tudo desse certo. Em especial agradeço aos meus amigos da turma que foram muitos importantes para que eu chegasse até aqui, foram momentos que passamos que irei lembrar sempre, com vocês aprendi muito, tanto

em sala como fora dela, sentirei falta de nossos momentos pelos corredores, das vezes que íamos para debaixo dos pés de manga, nosso lanche favorito, sentirei falta até das agonias que passamos antes de cada seminário.

Agradeço ao meu orientador professor Luís Henrique Serra que foi muito paciente comigo, sempre em prontidão a me ajudar e principalmente fera no que faz. A todos meus professores, que foram moldando meu conhecimento, posso afirmar, hoje não sou a mesma de quatro anos atrás, aprendi a ser mais humana, com todos os ensinamentos que me passaram, que apesar da especificidade de cada um, todos caminham em prol do mesmo ideal, passar o conhecimento do poder que um professor tem para tornar uma sociedade reflexiva, por vocês respeito hoje os professores muito mais que antes.

Por fim, agradeço a todos aqueles que pude ter a oportunidade de estar durante esses quatro anos, aos zeladores (as), os jardineiros, aos guardas, a tia da cantina, os monitores da brinquedoteca que ficavam com o Davi nas tardes de minhas aulas. Os outros alunos das outras turmas, a todas as pessoas que convive, nas escolas durante as pesquisas e nos estágios, principalmente a todos os alunos que tive a satisfação de lecionar nos estágios e residência, afinal foram com esses alunos que também aprendi bastante.

RESUMO

O insucesso escolar vem sendo, por muitos anos, objeto de estudo de pesquisadores que buscam identificar fatores que influenciam as dificuldades de aprendizagem de um indivíduo. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo investigar os fatores sociais (família, escola e trabalho docente) que condicionam as dificuldades de leitura e de escrita de alunos da escola municipal São Luís na cidade de Codó. Sendo assim, este estudo analisa a maneira como a escola aborda as práticas que levam ao aprendizado da leitura e da escrita, bem como a importância que a família dispensa ao processo de escolarização dos alunos. Para isso, foi feito um estudo de caso de 5 alunos participantes do programa Residência Pedagógica. Esses alunos, apesar de já estarem no 4º e 5º ano, apresentavam bastante dificuldades no aprender da leitura e da escrita. Desse modo, este estudo utiliza as técnicas de pesquisa de campo e de estudo de caso, com abordagens qualitativa e quantitativa. Desse modo, a pesquisa de campo foi utilizada para coleta de dados e para o uso de questionários durante as entrevistas realizadas com os professores e com as famílias. Para uma melhor fundamentação acerca da temática, buscamos embasamentos teóricos que oferecem perspectivas de alguns estudos acerca das dificuldades de aprendizagem, dentre eles destacam-se Gomes (2004), Piletti (2006), Ferreiro (1996) e Soares (1995, 2014, 2017). Os dados mostram que os professores possuem o conhecimento que os alunos têm dificuldades, afirmando trabalhar para reduzi-las; os professores destacam a falta de acompanhamento das famílias como um dos principais motivos da escola apresentar baixos índices no ensino, famílias que apresentam situação econômica escassa, e que têm pouco ou nenhum grau de instrução. Porém, é possível encontrar entre os familiares opiniões que o estudo é uma solução para que os filhos possam ascender socialmente. Com esses e outros dados apresentados ao longo do trabalho, é visível que a família acredita na escola enquanto a escola não dá créditos positivos às famílias.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. leitura e escrita. Família. Escola.

ABSTRACT

School failure has been the object of study for many years by researchers who seek to identify factors that influence an individual's learning difficulties. In this sense, this study aims to investigate the social factors (family, school and teaching work) that condition the reading and writing difficulties of students at São Luís school in the city of Codó. Therefore, this study analyzes the way in which the school approaches the practices that lead to learning to read and write, as well as the importance that the family gives to the students' schooling process. For this, it was necessary to study a case study of 5 students participating in the Pedagogical Residency program. These students, because although they were already in the 4th and 5th grades, they had quite difficulties in learning to read and write. In this way, this study is using the techniques set up in a field research and case study, with qualitative and quantitative approaches, Thus, the peasant research which was used for data collection or for the use of questionnaires during the interviews conducted with teachers and families., For a better foundation on the theme, we seek theoretical foundations that offer perspectives for some studies about learning difficulties, among them are Gomes (2004), Piletti (2006), Ferreiro (1996) and Soares (1995, 2014, 2017). The data show that teachers have the knowledge that students have difficulties, claiming to work to reduce them ;, teachers highlight the lack of monitoring of families as one of the main reasons for the school to have low levels of education, families that despite the situation sparse, present and have little or no education., however, it is possible to find among family members opinions of we have a family that still see in the study is a solution for children to ascend socially., with these and other data presented throughout the work this, it is visible that the family believes in the school while the school does not give positive credits to the families.

Keywords: learn difficulties. Read and write. Family. School.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CF – Constituição Federal

IDEB – Índice de desenvolvimento da educação básica

IES – Instituição de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

RP – Residência Pedagógica

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SEDUC-MA – Secretaria de Estado da Educação do Maranhão

SEMECT – Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação.

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A evolução do IDEB na cidade de Codó	37
Figura 2 - A evolução do IDEB da escola São Luís.....	39
Figura 3 - Diagnóstico do aprendizado realizado com os alunos	43
Figura 4 - Turma do projeto.....	44
Figura 5 - Um dia de aula com os alunos do projeto	45
Figura 6 - Decorações educativas.....	46
Figura 7 - Escrita / A1	48
Figura 8 - Escrita/ A2.....	48
Figura 9 - Fachada da escola São Luís.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de docência dos professores	58
Gráfico 2 - Uso do cantinho da leitura	62
Gráfico 3 - Quantidades de membros na família	68
Gráfico 4 - Renda familiar.....	68
Gráfico 5 - Escolaridade dos responsáveis	70
Gráfico 6 - Acompanhamento nas atividades.....	72
Gráfico 7- Incentivos para leitura.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fala dos (as) professores (as) na 5ª pergunta	60
Quadro 2 - Fala dos (as) professores (as) na 6ª pergunta	61
Quadro 3 - Fala dos (as) professores (as) na 10ª pergunta	64
Quadro 4 - Fala dos (as) professores (as) na 12ª pergunta	65
Quadro 5 - Fala dos (as) professores (as) na 13ª pergunta	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Respostas da 1ª e 2ª pergunta.....	58
Tabela 2 - Fala dos (as) professores (as) na 3ª e 4ª pergunta	59
Tabela 3 - Fala dos (as) professores (as) na 8ª pergunta	63
Tabela 4 - Fala dos (as) professores (as) na 9ª pergunta	63
Tabela 5 - Fala dos (as) professores (as) na 11ª pergunta	65
Tabela 6 - A visão da família sobre o ensino da escola/ hábito de leitura e escrita da família.....	71
Tabela 7- Diálogo escola/família sobre o desempenho do educando	73

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	21
	2.1. Perspectivas teóricas acerca das dificuldades em aprender a ler e escrever	21
	2.2. Família e escola parceria para o desenvolvimento	27
	2.3. Contexto educacional de uma população socialmente desfavorecida ...	32
3	O ENSINO DE CODO: AS ESCOLAS E A AVALIAÇÃO DO ENSINO.....	36
	3.1 Da rede municipal de ensino codoense	36
	3.2 Dos dados da escola São Luís.....	38
	3.3 Programa residência pedagógica.....	40
	3.4 As dificuldades dos alunos da escola campo na concepção da residente bolsista.....	47
4	PERCURSO METODOLÓGICO	51
	4.1 Procedimentos para coleta e análise de dados.....	51
	4.2 Do contexto da escola São Luís.....	52
	4.3 Participantes da pesquisa	53
	4.4 Dos professores (as).....	53
	4.5 Das famílias	54
5	LEITURA E ESCRITA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: OLHANDO FATORES	55
	5.1 A visão do (a) professor (a) acerca das dificuldades do aluno e das práticas para desenvolvimento na aquisição da leitura e da escrita na Escola São Luís	56
	5.2 Da conjuntura familiar e da concepção da família acerca de sua contribuição no processo de escolarização.....	67

5.3 Algumas considerações sobre os dados encontrados	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICE	86
Apêndice A – Questionário aplicado aos professores (as).....	86
Apêndice B – Questionário aplicado as famílias	88

1 INTRODUÇÃO

O insucesso escolar vem sendo, por muitos anos, objeto de estudo de vários pesquisadores que buscam identificar fatores que condicionam as dificuldades de aprendizagem de um indivíduo.

Nesse sentido, as capacidades de aprender de alunos que apresentam dificuldades de aprendizado, a depender dos fatores, podem ser comprometidas por questão que são da escola e as que estão fora dela. Essas causas marcam de maneira negativa a relação que esses indivíduos têm com a escola. Em muitos dos casos, acabam desistindo de estudar por perceber que não “conseguem” desenvolver algumas tarefas que vê os colegas de turma desempenhando.

Em vista disso, muitos estudiosos acreditam que são várias causas que interferem no processo de escolarização que acabam por contribuir para o analfabetismo ou para o não aprendizado satisfatório. Nesta pesquisa, considerando os vários fatores que colaboram para o não aprendizado adequado na escola, optamos por elencar, o papel da família, da escola e do professor, a fim de averiguar desde fatores externos à escola - que incluem questões socioeconômicas – até fatores que são próprias da prática escolar.

Desse modo, pressupomos que o aluno estando com fome, ou passando por problemas de ordem financeira, pode apresentar uma grande possibilidade de não obter êxito na aprendizagem, do mesmo modo se ele assiste aulas com um professor sem objetivo educativo ou uma escola sem a estrutura mínima necessário para o fazer pedagógico.

Sendo assim, é importante lembrar que não se deve atribuir como único problema que leva a criança a não desenvolver habilidades como leitura e escrita o de natureza estritamente econômica, ou seja, quando a família vive em situações socialmente desfavorecidas, mas também acontece em situações de privilégios, sobretudo quando não há o incentivo da família. Desse modo, em diversas circunstâncias o aprender também fica comprometido, pois, além dos problemas financeiros e de saúde a falta de estímulo por parte dos responsáveis, podem também ser entraves para o aprendizado, podendo ocasionar em um déficit no desenvolvimento do educando.

Por outro lado, a família quando assume um papel de empenho com acompanhamento das atividades escolares esse aluno terá muito mais chance de ter sucesso na vida escolar. Para Zuanetti et al, (2016), a linguagem escrita só desenvolve quando existe uma imersão da criança no mundo letrado, quando possui uma aproximação dessa criança com livros e histórias por meio de seus pais ou da escola. Desse modo, a relação entre aprender a ler e a escrever de modo adequado é quase diretamente proporcional à participação dos atores responsáveis pela criança.

Do mesmo modo, buscamos também apontar os fatores internos da escola, tendo em vista que a escola tem como principal o papel de possibilitar meios para que esse aluno aprenda, pois a escola é uma instituição que deve manter o cuidado de trabalhar com planos e projetos que levam para um melhoramento das abordagens de alfabetização e de outros temas do aprendizado infantil e inicial, objetivando o preparo dos professores para utilizar metodologias que levem em consideração as diferentes realidades e indivíduos com suas especificidades e com seu tempo de aprender. Não resta dúvidas de que uma escola que considera esses aspectos tem maiores possibilidades de apresentar um bom resultado do que uma que dispensa esse tipo de análise.

Sendo assim, este estudo se justifica pela necessidade de averiguar a maneira com que a escola aborda as práticas que levam ao aprendizado da leitura e da escrita, bem como compreender a importância que a família dá ao processo de escolarização e, com isso, buscar as causas que levam o alto índice de alunos com dificuldades no que se refere à aquisição da leitura e da escrita nas escolas.

Com uma pesquisa que busque averiguar esses aspectos do ensino, é mais possível pensar o quanto é fundamental a participação da família e da sociedade para que se consiga um bom desenvolvimento no processo de aprendizagem, assim como para os professores que estão em pleno exercício, e para os futuros professores, que irão atuar nas escolas municipais da cidade de Codó¹, uma vez que, este estudo poderá fornecer dados e alguns mecanismos que possam subsidiá-los, a fim de encontrar um melhor caminho para desempenhar as práticas que lhes são atribuídas, e como resultado ter um desenvolvimento significativo no processo de ensino e aprendizagem no município.

¹ Codó é um município brasileiro do estado do Maranhão. Possui uma área de 4.364,499 km² e sua população foi estimada em 122 859 habitantes, conforme dados do IBGE de 2019, sendo então o sexto município mais populoso do Estado. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cod%C3%B3>

Nesse sentido, este estudo também tem por objetivo investigar os fatores sociais (família, escola e trabalho docente) que podem estar condicionando as dificuldades de leitura e de escrita de alunos da escola São Luís na cidade de Codó, focando nos alunos participantes do Programa Residência Pedagógica². Por meio da análise da rede social de alunos dessa escola, é possível observar um fenômeno educacional importante: até que ponto a rede de relações, o contexto social e a estrutura da escola são importantes para o aprendizado de leitura e de escrita?

Com o objetivo traçado, foi feito um acompanhamento de perto com o caso de cinco alunos da escola São Luís participantes do Programa Residência Pedagógica, que, na ocasião de iniciação do programa, era nítido o quanto eles apresentavam dificuldades com o aprendizado da leitura e da escrita, e que, apesar de já estarem no 4º e 5º ano do ensino fundamental, apresentavam pouco aprendizado e com isso não tinham interesse na leitura e na escrita.

É possível observar que essa é a realidade de muitos alunos da rede municipal de ensino, conforme foi observado durante a vigência do Projeto LETRAR³ ao longo do ano de 2015 nas escolas do município de Codó no bairro Codó Novo, sob coordenação da professora Cristiane Dias Martins da Costa. A partir de seu estudo desenvolvido mediante observações durante o projeto, observa que “...o que encontramos no Brasil e, mais especificamente em Codó, são alunos que não sabem lê, tornando-se impossível pensar no “ por que e como se lê”. A questão relevante aqui não seria saber o que lê, mas porque não sabem ler”. (SILVA, COSTA e PEREIRA, 2016, p.453). No ano de 2018, o Projeto foi contemplado pelo edital da Capes, através do Programa Residência Pedagógica, o que permitiu que a pesquisa relatada neste trabalho fosse produzida (SILVA e COSTA, 2018).

Durante os primeiros contatos que tivemos com as crianças das turmas de alfabetização participantes do Programa Residência Pedagógica, logo no início dos trabalhos desenvolvidos, foi percebido que a maioria dos alunos se mostravam

² O Programa Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

<https://capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>

³ O PROJETO LETRAR: Letras e Números foi criado com o intuito de fortalecer e auxiliar o aprendizado das crianças do 5º ano da rede pública municipal de ensino no município de Codó, Maranhão. Trata-se de uma proposta que partiu dos Professores Doutores Cristiane Dias Martins da Costa e José Carlos Aragão Silva, da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó, que contou com o apoio e parceria da Prefeitura Municipal de Codó.

<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/JG3WWtGfzElhKHY.pdf>

bastante inseguros e tímidos, por acharem que não são capazes de responder o que lhes eram perguntados na realização dos diagnósticos que é feito no início do projeto. Mediante essa situação, surge uma inquietação de querer descobrir quais os possíveis fatores que podem estar ocasionando nas dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita desses alunos e um completo desprezo pelas atividades da escola.

Para isso, fez-se necessário desenvolver análises capazes de identificar se tanto a família como a escola costumam criar estímulos que despertem no aluno interesse pelo ato de ler e escrever, ou seja, é preciso conhecer o grau de instrução da família, a frequência que se dá no acompanhamento das atividades passadas para casa. Da mesma maneira, fazer análises no âmbito escolar, procurando identificar como que a escola aborda as questões de produção de escrita e leitura, se a escola possui uma biblioteca com acessibilidade para as crianças e se nas salas de aula o cantinho da leitura é usualmente frequentado e aproveitado; investigar também o quanto que esse professor se considera um leitor a que nível ele se coloca como leitor.

Por isso, o estudo é configurado em uma pesquisa de campo e estudo de caso, e apresenta características de abordagens qualitativa e quantitativa, com as quais foram feitas as coletas de dados mediante de algumas entrevistas feitas por meio de questionários contendo perguntas abertas e fechadas. Os questionários foram aplicados na família e entre os professores que são ou já foram professores desses alunos que são observados nesta pesquisa.

Portanto este trabalho se encontra estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, é apresentando o ponto de vista de alguns teóricos acerca das dificuldades de ler e escrever dando evidências em alguns aspectos que podem ocasionar em obstáculos na aprendizagem.

O segundo capítulo, apresenta um panorama acerca do ensino da rede municipal da cidade de Codó, exibindo alguns dados, uma compreensão de como se encontra o quadro educacional do município, mediante as avaliações de larga escala realizadas nas escolas. Traz também, os dados referentes ao ensino da escola São Luís, e seu desempenho na Prova Brasil, além de serem abordadas as diretrizes do Programa Residência Pedagógica, e as observações e da residente bolsista autora deste trabalho, acerca do ensino da escola pesquisada.

No terceiro capítulo, são traçados os caminhos percorridos e os recursos utilizados para a realização da pesquisa, trazendo em enfoque as configurações do local pesquisado e os sujeitos participantes.

No quarto capítulo, são apresentados os dados alcançados, as análises observadas de como os professores abordam suas práticas pedagógicas no que visam para o desenvolvimento da leitura e escrita, procurando entender como que a escola enxerga esse problema tão marcante em seu âmbito e quais as possibilidades de intervenção que almeja para reduzir essas dificuldades.

Buscamos ainda conhecer a concepção da família acerca das dificuldades de aprendizagens, no intuito de observar a importância com que os responsáveis pelo educando dão para acompanhamento da vida escolar. Por fim serão apresentados as considerações finais, as referências bibliográficas e os apêndices do presente estudo.

2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pretende-se, com este capítulo, trazer o ponto de vista de alguns estudiosos acerca das dificuldades de aprendizado de leitura e de escrita apresentadas por alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública. Também serão destacadas algumas das possíveis causas que fazem com que essas dificuldades se tornem algo tão comum em escolas inseridas em regiões desfavorecidas, destacando ainda algumas medidas que procuram resolver no sistema educacional brasileiro essas problemáticas.

2.1. Perspectivas teóricas acerca das dificuldades em aprender a ler e escrever

A educação brasileira vem sendo, por muitos anos, interesse de vários estudos voltados para as áreas da psicologia, sociologia e pedagogia, por julgarem como um direito social, considerando-a como um instrumento fundamental para uma emancipação sociopolítica. Pois, para esses estudiosos um país que apresenta um grande número de analfabetismo é um país que aprisiona perspectivas, e que somente por meio do conhecimento, o indivíduo possa ascender enquanto cidadão crítico sendo capaz de questionar seus direitos.

Desse modo, procurando superar as defasagens educacionais que culminavam em uma grande massa de analfabetos no país, fazem-se necessárias várias pesquisas, que posteriormente tornaram-se em lutas que cobram a obrigatoriedade no ensino, sua democratização e sobretudo que seja gratuito, para que haja o aumento do acesso nas escolas e que principalmente fosse ofertada uma educação de qualidade para todos, pois a grande maioria da população brasileira passou por muito tempo sem o direito de frequentar a escola.

Em vista disso, é conhecido que a problemática envolvendo questões sociais e a educação não é algo tão recente, pois não é de hoje que estamos enfrentando falhas no ensino decorrentes das várias causas sociais e que têm feito com que muitos tenham desistido do processo de aprendizagem e, por consequência, abandonam a escola. Durante esse processo de cobranças, que tem como finalidade reivindicar para a população pobre um ensino escolar de boa qualidade, o processo educacional vai passando por algumas transformações.

Cagliari e Giovani (2015 p.22) frisam que “Lourenço Filho (1897-1970) que era um psicólogo encontrou a escola com os altos índices de reprovação na primeira série”. Os autores ainda afirmam que, no intuito de reverter esse quadro o psicólogo demitiu um grande número de professores que atuavam na alfabetização, já que esses professores foram considerados de não possuir uma boa preparação para atuarem na atividade escolar, e com finalidade de combater esses fracassos escolares começa a se pensar em propostas nas quais, viraram alvos de pesquisas para combater as reprovações.

Diante disto, vemos que problemas no sistema educacional brasileiro sempre foram uma realidade recorrente e precisam ser revistos para que possamos ter uma situação melhor, com isso precisasse tentar entender esses obstáculos para assim procurar maneiras que possam diminuir casos de analfabetismo nas escola públicas.

Contudo, o que pretendemos com este estudo é trazer o foco para as dificuldades de aprendizagens culminadas pelos fatores externos da criança, ou seja, fatores pertencentes o seu convívio e que de certo modo estão dificultando para que esse aluno alcance aquisição da capacidade de ler e de escrever, mesmo estando no 4º e 5º ano do ensino fundamental, uma vez que, não procuramos levantar uma abordagem no que se refere aos fatores físicos e cognitivos, que também apresentam uma ligação diretamente no processo de aprendizagem e sim, trazer reflexões acerca dos fatores ambientais que podem interferir negativamente no desenvolvimento escolar desse educando.

Nesse sentido, de acordo com Bossolan (2011, p. 29):

Os problemas sociais ou ambientais que podem estar relacionados às dificuldades de aprendizagem estão presentes na grande maioria das vezes em casa ou na escola. Assim como fatores determinantes de possíveis dificuldades para aprender, as questões sociais e ambientais, que cercam a vida do aluno, podem determinar o grau com que essa dificuldade se manifestará.

Dentre os fatores podemos destacar: condições financeiras, a questão sociopolítica, desnutrição, condições de higiene, o ambiente escolar sem estrutura física adequada, a prática do professor, violência, o convívio familiar conturbado, o não acompanhamento por parte dos familiares até mesmo o desinteresse do próprio aluno.

Cumpra acrescentar, nesse sentido, que, na década de 60, o termo “dificuldades de aprendizagem” começa a ser utilizado dentro das ciências da educação. Essa expressão foi criada pelos professores e pais que acreditavam que as crianças que apresentassem problemas em aprender poderiam não se enquadrar nos grupos de aprendizes. Essa ideia não apresenta, porém, amparo, na literatura, não existindo até então um tipo de intervenção apropriada para determinadas situações, para o que eles consideravam ser um problema sem solução. (VIANA E VIANA JUNIOR, 2017).

Nos anos 60, 70, 80, os estudiosos buscaram ampliar os estudos sobre as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita fazendo relações entre inteligência e “maus leitores”, percepção e “maus leitores”, memória e “maus leitores”, atenção “maus leitores”, linguagem e “maus leitores”. Todas as experiências foram feitas com testes comparativos entre um grupo de maus leitores e outro de leitores comuns, tendo como base a psicometria. E as conclusões foram, em geral a existência de um *déficit* da função estudada nos maus leitores, passando este *déficit* a ser responsabilizado pelas dificuldades da leitura e escrita. (GOMES, 2004, P.131).

Nesse sentido, alguns estudos e pesquisas com perspectiva cognitiva da alfabetização são voltados para processo da aquisição da leitura e da escrita, com a finalidade de compreender como funciona a elaboração do pensamento durante esse processo. Dessa maneira, alguns estudiosos desse campo procuram entender como o desenvolvimento da aprendizagem é realizada na criança. Segundo Gontijo (2008, p.63), “o desenvolvimento da escrita na criança é um processo complicado, marcado por mudanças bruscas, involuções, transformações de determinadas formas de atividades gráficas em outras”.

No intuito de sanar com vários problemas educacionais, nos anos 80 e 90 o Brasil passa por um processo de reformas educacionais, nas quais por meio de sistematização de ideias foram elaboradas propostas de leis e projetos na finalidade de melhorar em níveis nacionais o sistema do ensino educacional, para tal, foi necessário a realização das Conferências Brasileiras de Educação em que foram propostas temáticas em busca de solucionar vários problemas educacionais. (HERMINDA, 2006).

Podemos destacar como exemplo dessas propostas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996), que, em seu conteúdo, priorizava a universalização do ensino fundamental, buscando um ensino público de qualidade, além de uma busca em organizar o sistema educacional no país, pois havia o

entendimento de que, precisava melhorar a educação para que o país atingisse o desenvolvimento.

Nesse processo de sistematização de ideias, as Conferências Brasileiras e Educação constituíram-se fórum privilegiado, no qual, os diferentes partidos ideológicos progressistas – em especial os relacionados com o âmbito da defesa da educação pública, reuniam-se para elaborar suas propostas. (HERMINDA, 2006, p.56).

Não podemos negar que, com todo esse processamento de mudanças o ensino público brasileiro, já conquistou muitos avanços, mas que ainda é preocupante a maneira com que as dificuldades de aprendizagens são vistas pelas escolas, ou seja, não é dada atenção ao ponto dos profissionais de ensino procurarem investigar o que leva seu aluno não conseguir o desempenho esperado, em vez disso, procuraram sempre repetir: “esse (a) menino(a) tem problema”. “A escola pode, ainda, prejudicar a aprendizagem ao não levar em consideração as características do aluno: sua maturidade, seu ritmo pessoal, seus interesses e aptidões específicos, seus problemas nervosos e orgânicos”. (PILETTI, 2006, p.147).

Por esse motivo, é necessário que as práticas de alfabetização continuem sendo pauta de estudos e de pesquisas, no intuito de deixar em evidências as crianças que estão cruzando algum obstáculo durante a sua escolarização; é preciso que se trabalhe, na sala de aula, tendências pedagógica que, muitas das vezes, ficam estacionadas na teoria, e que os educadores façam abordagens mais interacionistas, levando em consideração o ser que aprende, pois acredita-se que o insucesso escolar é mais uma falha na maneira com que os conteúdos são repassados do que no próprio aluno. Lara (2005, p.12) destaca que, “na verdade, quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação muito mais abrangente e minuciosa”.

E quando se faz uma avaliação mais atenta nas escolas, é possível observar uma educação com vários impasses relacionados a qualidade no ensino, que compromete diretamente o desempenho do educando, atrasando a aprendizagem de muitos. Nesse contexto, é possível perceber mediante observações uma serie de ineficiência que estão no meio escolar, e que nos fazem pensar na hipótese de que esses problemas escolares podem ser uma das causas que podem estar relacionados ao déficit de aprendizagem dos alunos das escolas brasileiras.

Dentre as problemáticas da educação escolar, a alfabetização passa a ser uma preocupação de muitos que buscam por meio da reorganização do ensino garantir as camadas pobres uma escola que considere sua realidade. Ferreiro (1996) acredita que os objetivos de alfabetização devem ser vistos como algo ambicioso, que a escola deve procurar introduzir alfabetização produtiva a todas as crianças, principalmente dando atenção àquelas que não estão inseridas em um contexto social, em que a leitura e a escrita sejam utilizadas com frequência. A autora ainda destaca que há uma necessidade de redefinir os objetivos da alfabetização na Pré-escola, oferecendo uma atenção precisa às crianças de 4 a 6 anos de idade, isto é, mudar a maneira com que alfabetização está sendo feita nas escolas

Logo, deve ser compreendido que, o processo de alfabetização da criança ocorre de maneira individual, por este motivo, existe um fator muito importante que deve ser levado em consideração, o tempo da aquisição da aprendizagem, isto é, que cada criança tem o seu tempo de aprender e esse tempo deve ser respeitado.

De acordo com a BNCC (2017), “é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize”. Desse modo é estipulado um prazo, que deve ser entre os 6 e 7 anos de idade para que essa aprendizagem ocorra, ou seja, o momento em que se deve levar em conta que a criança possa de fato ser considerada alfabetizada na idade certa.

Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2017, p.90).

No entanto, estando o aluno no final da infância, e o professor perceber indícios de que ele apresenta dificuldades em compreender detalhes simples sugeridos para a idade, como: conhecer as letras, seus sons, e não saber juntá-las, já se pode falar em analfabetismo ou atraso na aquisição do alfabeto.

Assim, essa idade seria um bom momento para que a escola investigue o que está acontecendo, pois já é entendido que as dificuldades de aprendizagens se dão mediante a vários fatores, desde processos sociais, biológicos, cognitivos e

econômicos. Uma vez descobrindo qual o fator que influencia essas dificuldades, a escola precisa fazer interferências necessárias para mudar esse quadro. “O processo de ensino aprendizagem é em sua natureza complexa e permeada por fatores políticos, econômicos, culturais e sociais” (LYRA, 2015, p.01).

Pensando nisso, a escola não deve de maneira alguma lidar com todos os alunos da mesma maneira, é necessário conhecer as necessidades de cada criança levando em consideração, a particularidade e principalmente a realidade social de cada um. “ Ao tratar todas as crianças como iguais, a escola ratifica as desigualdades culturais iniciais e vai transformando as desigualdades de aprendizagem em desigualdade de capital escolar”. (ANDRÉ e PASSOS, 1997, P.113). No entanto, é papel da escola mitigar tais atos, para assim, deixar de ser elemento atuante no processo que reproduz as desigualdades sociais.

De certo, o que podemos compreender é que muitas das vezes o não sucesso em um determinada atividade passada para que o aluno responda não é suficiente para o caracterizar com dificuldades de aprendizagem, mas sim que ele está no momento apresentando dificuldades de resolução de tal tarefa, o que de fato deve ser considerado algo normal em sala de aula. Dessa forma, a escola deve estar atenta para repetição dessas dificuldades/ erros para que a partir daí procurar passar a ter um olhar mais objetivo para as dificuldades apresentadas pelo aluno.

Nesse sentido, é fundamental para que o professor possa procurar maneira com que esse aluno solucione a questão ou atividade, procurando estimular a confiança que esse aluno precisa para se sentir-se motivado, e não perca o interesse por estudar, pois a repetição dessas dificuldades podem ocasionar em uma evasão, pois o próprio aluno pode se considerar um fracasso, já que muitos conseguem e ele não. É nessa hora em que a escola pode e deve convocar a família para que seu papel seja realizado em busca de uma melhoria nas propostas postas pela escola para que esse aluno possa ter desenvolvimento.

De acordo com Soares (1995), os procedimentos do ler e o escrever são bastantes distintos, pois cada atividade engloba um conjunto de habilidades e conhecimentos muitos diferentes, ocorrendo, às vezes, de uma pessoa dominar a leitura, mas não necessariamente dominar a escrita. Logo, as dificuldades na alfabetização não deixam de ser algo comum nas crianças, pois nesta ação acabam se depararem com o novo, no qual lhes exige novas habilidades que até então eram desconhecidas.

No contexto do Maranhão, quando se observa a realidade das crianças codoenses é perceptível um agravamento na situação, pois a realidade que vemos sobretudo nas escolas periféricas da cidade, é o alto número de alunos que estão no 4º e 5º das series iniciais que não sabem ler e escrever, o que acaba por comprometer gravemente o futuros desse alunos.

Piletti (2006) fala que, mesmo com todos os problemas que o aluno possa estar enfrentando, ele quer aprender, pois enxerga ainda na escola uma maneira para mudar sua vida para melhor. Mas o que infelizmente observamos é que muitos deles quando atingem um pouco mais de idade não enxerga mais a escola como saída para que sua vida mude e quando aliado ao comodismo dos que ali estão acaba que não ver mais vantagem em prosseguir com os estudos. Autor ainda fala que de cada cem alunos que ingressam na escola noventa são submetidos a desistirem até o final primeiro grau.

Por essa razão, é sempre necessário o incentivo daquelas que rodeiam o aluno, no sentido de que ele perceba que é mediante ao conhecimento que possamos desfazer as desigualdades sociais. Bem como ele possa entender que leitura e escrita são essenciais em todas as disciplinas escolares e essa é uma questão que perpassa por uma transversalidade de todo o ensino da pessoa sendo o uso da leitura tão eficaz nas habilidades praticadas em sociedade, ou seja, a leitura e escrita não é somente importante na vida escolar, mas em toda a vida de um indivíduo.

Portanto, o que precisa ser compreendido é que as habilidades de leitura e escrita são imprescindíveis no cotidiano de qualquer indivíduo, sendo peça fundamental para as demais habilidades do processo de escolarização e que as dificuldades sendo mal observadas podem acarretar atraso educacional.

2.2. Família e escola parceria para o desenvolvimento

É importante frisar que não basta apenas sancionar leis, apostar em propostas inovadoras, que visam uma melhoria para o ensino brasileiro, na finalidade de sanar com os problemas educacionais do país, se não tiver uma pesquisa mais avançada nos agentes motivadores do insucesso, uma vez que, já sabemos que muitas mazelas no sistema de ensino são causadas por uma série de fatores responsáveis por esse quadro, mas que, na verdade, não são muitos levados em considerações, pois a maneira com que essas dificuldades são vistas é o que pode ou não ocasionar vários problemas no âmbito escolar. Desse modo, precisa-se de um olhar de

responsabilidade para esse agravante, já que as dificuldades possuem um potencial de transformar de maneira negativa o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, se houver uma ação em conjunto voltada para esse problema, muda-se positivamente a realidade das escolas públicas e da comunidade que depende de seu ensino. De acordo com Meneghetti e Souza (2015), ao refletir acerca das dificuldades, é possível perceber que a escola não consegue sozinha acabar com esse problema, pois é fundamental que todos, família, escola e comunidade, estabeleçam um compromisso de responsabilidade.

Desse modo, focamos no entendimento de que se a escola e a família não tiverem um real compromisso em realizar as contribuições que lhes são atribuídas em prol de garantir uma melhor aprendizagem do aluno, há grandes possibilidades em se pensar em possíveis falhas. Isto é, sem as motivações dos familiares nada trará muitos efeitos, pois é, sem dúvidas, que com a participação da família na vida escolar, em comunhão com os objetivos da escola, existe uma grande chance de obtenção de resultados significativos.

Sobre isso, Souza (2009, p.15) afirma que:

É indispensável a participação da família na vida escolar dos filhos, pois crianças que percebem que seus pais e/ou responsáveis estão acompanhando de perto tudo o que está acontecendo, que estão verificando o rendimento escolar – perguntando como foram as aulas, questionando as tarefas etc. – tendem a se sentir mais seguras e, em consequência dessas atitudes por parte da família, apresentam melhor desempenho nas atividades escolares.

Ainda de acordo com Souza (2009), é visto que sempre procuremos pôr em foco a participação da família no ensino, como um dos principais instrumentos para que o educando consiga êxito na escolarização. Por outro lado, a sua omissão pode ocasionar seu insucesso. Levando para o entendimento de que a família precisa compreender que quando a criança apresenta dificuldades de aprendizagens, o acompanhamento desse aluno deve se fazer mais cauteloso, assim, aumentando o papel na participação em sua vida escolar, já que, nesses casos, um acompanhamento familiar é fundamental para quebrar barreiras que impedem a aprendizagem.

É sabido que, a primeira relação social que criança convive é com sua família, sendo de grande responsabilidade o papel que ela desempenha para que seu filho venha ter uma boa convivência socio afetiva, na medida em que for sendo inserido na

sociedade. E, segundo Pimentel (2016), é obrigação dos pais participarem ativamente na vida de seu filho, sobretudo a vida escolar. Traçar um diálogo com a escola pode ajudá-los (família e a escola) a identificar alguns problemas e mudanças de atitudes que podem afetar o desenvolvimento escolar do educando.

Nesse sentido, é importante lembrar o que nos garante a Constituição Federal (CF) de 1988, em seu artigo 205.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Logo, é bem notório os atores destacados pela lei para quem são dirigidas as responsabilidades acerca do ensino do educando.

E sobre as responsabilidades que compete a família, Souza (2009, p. 8) destaca que:

É importante que a família esteja engajada no processo ensino-aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola. Na 5ª série isto se torna ainda mais necessário, pois, o processo de transição pelo qual a criança passa ao sair da 4ª série, pode causar dificuldades no desempenho escolar.

Desse modo, a família tem a obrigatoriedade de orientar a criança sobre como é o espaço da escola, preparando-a para essa nova realidade. Deve mostrar o quanto que esse convívio escolar é importante para o seu desenvolvimento e, com isso, propiciar o despertar o interesse e encorajar ela em todas as etapas com que essa criança venha passar dentro do âmbito escolar, o que possa, com isso, deixar esse processo bem mais prazeroso em vez de estressante.

Nesse sentido, o interesse da criança se dá mediante a motivação que lhe é apresentada pelos adultos e, portanto, é fundamental que os responsáveis saibam demonstrar confiança no que a criança produz, a ponto de ela perceber que é capaz de aprender e de realizar determinadas tarefas. Por esse motivo, temos o entendimento de que a família tem uma influência bastante significativa na aprendizagem, sobretudo quando a sua participação direciona positivamente.

Assim, o diálogo entre a escola e a família deve ser contínuo, sobretudo para que a família também possa participar desse novo mundo da criança. Dessa forma,

[...] é dever da administração da escola continuar a incentivar e a apoiar todas as formas de participação activa dos pais, quer organizados, quer individualmente, num quadro de proximidade e de transparência que reduza a burocracia e se revele, ou venha a revelar, profícuo para o bom funcionamento da escola. (GOUVEIA, 2009, p.96).

Com isso, percebemos o quanto a escola possui o poder, em transformar para uma realidade para bem melhor para àqueles que nela estão inseridos e que tanto precisam de seu amparo. A escola precisa oferecer mais espaço para que a família se faça presente no cotidiano escolar, bem como a escola precisa exigir bem mais essa participação.

Porém o que de fato não vem ocorrendo com frequência essa parceria, pois o que é observado é que família cobra da escola e a escola não é diferente pois acaba que cobrando da família, e assim com esse impasse, acaba que prejudicando bem mais o desenvolvimento desse educando. Muitas das vezes, a escola não se preocupa em saber a real situação social em que a família se encontra, visto que as condições sociais do indivíduo também contribuem para o desenvolvimento e alfabetização do indivíduo.

Como já foi dito, o acompanhamento familiar é fundamental para que o quadro de insucesso escolar aconteça ou não, mas para isso é necessário que a escola dê esse espaço de participação, que essa família se faça presente não somente nas resolução de atividades passadas para casa, lógico que esse habito é essencial, mas o que estamos querendo deixar destacado é que a família também tem seu espaço de contribuição no âmbito escolar, fato esse que não se ver com frequência, pois é comum que a família vá a escola apenas nas assinaturas das notas e muitas delas não possuem conhecimento de que sua participação nas decisões é legalmente garantida.

O insucesso escolar deveria suscitar a análise de causas dos problemas que interferiram na aprendizagem, avaliando o peso das condições escolares, familiares e individuais do aluno. O que se constata é que, em vez disso, o comportamento mais comum diante do fracasso escolar é a atribuição de culpas, que geralmente provoca o afastamento mútuo. (MARGARETH E GATTIERI, 2010, p.31).

Nesse perspectiva, a comunidade escolar precisa desenvolver um trabalho participativo, no planejamento de suas propostas pedagógicas, é nessa hora que é preciso que essa escola possua uma gestão democrática, onde as tomadas de

decisões devem ser reafirmadas em conjunto, pois é preciso que toda a comunidade escolar faça suas atribuições com maestria em busca de uma educação de qualidade.

A gestão democrática – participativa valoriza a participação da comunidade escolar no processo de tomadas de decisão, concebe a docência como trabalho coletivo aposta na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da dinâmica intersubjetiva, do diálogo, do consenso. (LIBÂNEO, 2001, P. 105).

Sendo assim, pode-se compreender que as ações participativas, quando bem desenvolvidas, tornam-se uma peça fundamental para o melhoramento do desempenho do ensino, pois ao se pensar em desenvolvimento dos que ali estudam, é preciso que todos tenham interesse no aprendizado do aluno, ou seja, esse processo deve ser uma preocupação de todos da escola, da família e da comunidade de um modo geral, a fim de tornar essas dificuldades algo passível de resolução.

Atitudes como essa são uma das maneiras de acabar com o preconceito de rotular aquele que “não aprende” na idade sugerida, como incapaz ou até mesmo rotulado de forma a ser chamado de “burro”, como se essas dificuldades apresentadas fossem puramente do aluno.

Quanto a isso, Bossolan (2011, p. 22) salienta que a escola também deve:

Procurasse também pensar soluções que são pautadas não mais na individualidade, mas sim em algo que vá atingir a todos, como o currículo, por exemplo, colocando assim a ênfase não somente no aluno, mas no sistema de ensino de forma geral, envolvendo os materiais e também os professores.

Com esse olhar sobre o problema espera-se oferecer não apenas ao aluno a capacidade de aprender melhor, mas também ao ambiente a capacidade de oferecer a esse aluno, melhores condições de aprendizagem.

É preciso muito mais para entender que muitas vezes o problema não se encontra naquele que não apresenta um bom desempenho, mas sim, na maneira com que o ensino está sendo cobrado, bem como a maneira em que é dada a importância para essas dificuldades, é necessário procurar causas que podem estar ocasionando esse quadro. Cagliari e Giovani (2015) afirmam que os métodos escolhidos também levaram a escola a ter um grande problema com o fracasso escolar, dessa forma, é necessário que os professores revejam seus métodos, avaliando o fracasso para assim resolver a dificuldade do aluno junto com ele.

É necessário destacar que, quando a situação é acometida por uma situação contrária a essa, ou seja, quando temos o caso de um indivíduo que facilmente consegue aprender assimilar o que estuda, esse efeito pode ser transferido para a ação do professor para uma maneira de tentar passar a informação que o professor está conseguindo com êxito alcançar objetivos propostos no currículo, que escola está trabalhando de maneira positiva.

Por outro lado, quando o aluno não consegue esse desenvolvimento? É plausível que esses problemas sejam atribuídos também ao professor? Respondendo a esta indagação, como já foi citado não só a ele, mas sim a escola em geral, pois quando o caso é de sucesso é claramente passado a visão de que o trabalho docente, juntamente com as ações escolares estão surtindo efeito positivo, sendo assim, o que pensar e para onde devemos cobrar quando esse resultado não é satisfatório?

Vale ressaltar que não buscamos com esses apontamentos atribuir o problema em foco para somente as abordagens meramente pedagógicas e de cunho puramente escolar, mas sempre trazer para esses entraves como algo que também é de responsabilidade da família, buscando sempre acrescer sua função nesse processo tão discutido, além de buscarmos focar também o estado de um modo geral. Nesse sentido, com relação a isso,

Normalmente, quando o aluno aprende, tira boas notas e se comporta adequadamente, mães, pais e professores se sentem como agentes complementares, corresponsáveis pelo sucesso. Todos compartilham os louros daquela vitória. Mas, quando os alunos ficam indisciplinados ou têm baixo rendimento escolar, começam as disputas em torno da divisão de responsabilidades pelo insucesso. (MARGARETH e GATTIERI, 2010).

Além da família e da escola, como vimos comentando até aqui, a sociedade, na qual o aluno está inserido também colaboram para o bom desempenho do aluno, e, conseqüentemente, sua mais rápida alfabetização.

2.3. Contexto educacional de uma população socialmente desfavorecida

Até aqui, já sabemos que uma grande parte das escolas públicas brasileiras apresentam um componente bastante comum denominado, na década de 60 e ainda hoje, como dificuldades de aprendizagem, que atualmente estão bastante em debates por aqueles que possuem uma certa preocupação com os estudantes do país, sobretudo por aqueles que vivem em situações de vulnerabilidade.

Sobre esse aspecto, Arelaro (2005, p. 1060) comenta que

Em geral, esses pesquisadores se somam aos esforços dos estudiosos do direito a educação, para demonstrar que são os historicamente marginalizados – os negros, as mulheres e os pobres que permanecem a margem do sistema educacional e que têm o pior desempenho escolar, toda vez que se procura aferir a qualidade ofertada.

Dessa maneira, o sistema educacional tem como aliados esses estudiosos que buscam por meios de suas pesquisas, propostas inovadoras de ensino para que tenhamos uma boa qualidade na educação escolar e que sobretudo seja ofertado para todos sem distinção de quaisquer natureza, estudos esses que são voltados para as novas propostas educacionais que foram muito discutidas no século passado pelo movimento da escola nova que tinha como finalidade reconstruir a educação pública.

Assim, aliada a essas propostas temos a globalização, e que com o advento das tecnologias se torna um outro ponto positivo para o ensino brasileiro pois, resulta numa grande massa de informação, que pode mudar de maneira significativa as abordagens em sala, com isso podemos pensar em um sistema que fornece condições tecnológicas, para que tenhamos professores que façam uso dessas novas ferramentas, em busca do melhoramento de suas práticas dentro e fora da sala de aula.

Porém, mesmo com esses avanços, ainda possui muitas escolas públicas brasileiras que apresentam um quadro alarmante de alunos que manifestam dificuldades de aprender o básico, que é o ler e o escrever, e quando trazemos essas questões para a realidade de cidades pequenas do interior onde uma grande parte de sua população é marginalizada, a situações sofre um agravante.

Gomes, (2004) comenta que o peso que o fator sociocultural possui para o desenvolvimento do indivíduo, e ressalta abordagem handicap (*déficit*) sociocultural, ou da deficiência sociocultural, na qual defende que o meio sociocultural-familiar é o grande responsável pelas dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

Nesse sentido, buscamos com esse tópico destacar a dimensão dos entraves educacionais em uma região socialmente desfavorecida, nas quais as tecnologias não chegaram na sala de aula focando no fator sociopolítico e nos problemas sofridos pelas escolas que estão situadas na camada populares de uma sociedade onde as desigualdades são gritantes que chegam de um extremo ao outro, onde uns possuem a cidade como donos em patrimônios e poder e outros sem ter o que jantar.

Uma sociedade injustamente organizada, em que as pessoas são tratadas de forma desigual – uns poucos privilegiados vivendo à custa da maioria de trabalhadores e desempregados, uns poucos ganhando num mês o que a maioria leva anos para ganhar, só pode ter consequências negativas e prejudiciais à formação do ser humano. (PILETTI, 2006, P.194)

Desse modo, é preciso que o setor público fique mais atento para essa população carente, implementando políticas voltadas que viabilize a universalização do ensino mediante a uma boa alfabetização, oportunizando-os a serem participantes atuantes na sociedade, pois a leitura é um caminho para a democratização de uma sociedade. Soares, (2014) afirma que, a possibilidade do ler e escrever, e sobretudo ir além com o uso dessa leitura e escrita, faz com o indivíduo, venha pertencer outra condição, seja ela cultural, social, linguística cognitiva dentre outras.

E qual a posição da escola quanto a esses problemas socioeconômico em que o educando está inserido? A escola costuma ficar atentar as situações precárias apresentadas por seus alunos?

É quase que certo, em todos os casos em que se faz essas indagações sobre o papel da escola no contexto social do aluno, as respostas que são dadas pelos educadores, fica bem claro que eles possuem o interesse e o intuito de que mediante as suas funções aproximar o ensino para a realidade, buscando compreender as dificuldades econômicas em que seu aluno é submetido, fazendo empenho para tornar a suas atividades inclusivas, destacando uma “preocupação” com os que de fato são socialmente excluídos.

Nesse sentido a escola é muito mais importante para as camadas populares que para as classes privilegiadas. Para estas, ela tem, sobretudo a função de legitimar privilégios já garantidos pela a origem de classe; para as camadas populares, a escola é a instancia em que podem ser adquiridos os instrumentos necessários à luta contra a desigual distribuição desses privilégios (SOARES, 2017, P.114).

A autora ainda sugere o que a escola deve fazer para vitalizar adequadamente a sua direção, para que se empregue meios progressistas em prol de um comprometimento em lutar contra as desigualdades, garantindo assim as classes menos favorecidas, a aquisição de conhecimento, com habilidades que são fundamentais para uma melhor participação em sociedade em mudanças.

Portanto é preciso o enfoque na criança que está inserida em um contexto social desfavorecido, pois é fato que os grandes índices de analfabetismo ocorrem em famílias que vivem realidade de pobreza, pertencentes a uma contextualização bastante carente, onde são enorme as desigualdades e que essas situações socioeconômicas acabam que influenciando dificultosamente na aprendizagem, e uma das maneira de solucionar esses problemas dentro da escola, é que a própria escola leve para o conhecimento dos governantes tais situações para que assim a o ensino da criança possa ser visto com prioridade.

3 O ENSINO DE CODÓ: AS ESCOLAS E A AVALIAÇÃO DO ENSINO

Neste capítulo, trataremos de um panorama geral acerca do ensino da rede municipal da cidade de Codó, destacando dados atuais referente aos números do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB aferidos a partir de avaliações de larga escala realizadas nas escolas municipais; posteriormente, faremos uma delimitação, apontando os dados da escola São Luís através da aplicação da prova Brasil, dando enfoque para o desenvolvimento da leitura e da escrita, por fim, um resumo sobre o programa residência pedagogia, ressaltando seus objetivos e o seu funcionamento nas escolas campo.

3.1 Da rede municipal de ensino codoense

No intuito de procurar entender a real situação educacional na cidade de Codó, foi preciso fazer algumas pesquisas ao site QEDU⁴ referente aos dados oficiais das escolas municipais da cidade, a plataforma apresenta dados gerais sobre a situação da educação de todas as cidades do país.

Para este trabalho, recorreremos as informações do indicador da qualidade de ensino, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que tem como finalidade apurar o nível de aprendizado dos estudantes do 5º e 9º ano do ensino fundamental e do ensino médio. Assim, o quadro geral do ensino de uma cidade é observado mediante a realização de avaliações externas como a Prova Brasil, que são desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) vinculado ao Ministério da Educação (MEC) e com base na taxa de aprovação, presença dos alunos nas escolas e no aprendizado do aluno nas disciplinas de português e matemática calcula-se o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos municípios.

Tendo como base as avaliações em que o ensino do município de Codó foi submetido, é possível observar que, no ano de 2017, um pequeno crescimento nos dados oficiais referentes aos anos iniciais da rede municipal de ensino, estando assim com o atual índice de 4.4. Porém, esse número alcançado não foi suficiente para

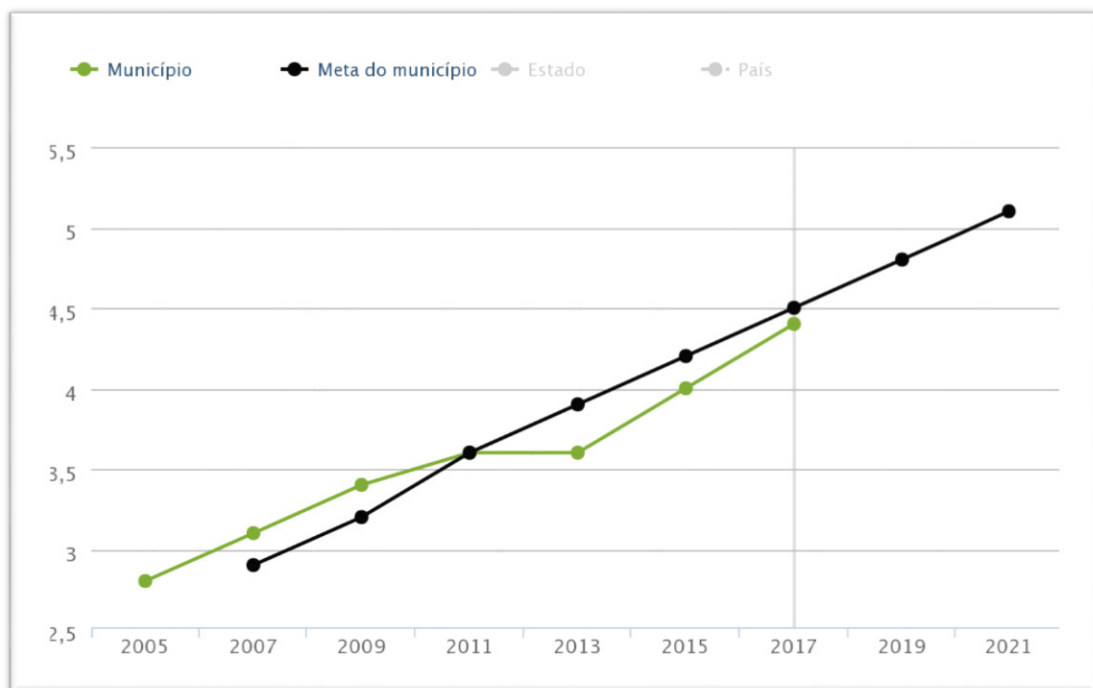
⁴ QEDU é um projeto idealizado em 2012 por Meritt e pela Fundação Lemann que busca oferecer acesso aos dados e informações do ensino brasileiro contribuindo para que gestores, professores, famílias e por todos que tem interesse em manter informado da situação do ensino de sua cidade. <https://www.qedu.org.br/sobre>

atingir a meta sugerida, sendo que havia uma estimativa para o referente ano uma marca de 4.5 pontos.

Já na avaliação anterior que foi realizada, no ano de 2015, o município tinha como meta alcançar 4.2 em seu índice, muito embora, nesse mesmo ano, tenha ficado com a pontuação de 4.0, ficando próximo da meta estipulado. Todavia, em 2015, percebe-se que houve um avanço no rendimento desses alunos da rede municipal, se fomos comparar com o censo realizado no ano de 2013, ano marcado pelos piores índices apresentado pelo município, em termos de avaliação do IDEB, em que se observa índice 3.6.

Na figura a seguir, retirada do site QEdu, é possível observar o gráfico, em que mostra a evolução dos índices apresentados pela rede municipal da cidade de Codó. O trajeto mais claro é referente aos números alcançados pelas escolas e o mais escuro refere-se a meta em que o estipulada para o município.

Figura 1 - A evolução do IDEB na cidade de Codó



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

Segundo o site QEDU, o índice apresentado pelas escolas do município, principalmente as que se encontram na situação de atenção, não foram bem em dois critérios entre os três analisados, e têm o desafio de crescer para atingir as metas planejadas. Com base nos resultados, é possível fazer o cálculo da quantidade de

alunos que estão com o aprendizado adequado com a sua etapa escolar. Nesse sentido, considerando esse quadro, um dos objetos de pesquisa neste estudo é saber os números referentes ao ensino de português, no que tange questões de leitura e escrita dos alunos das escolas municipais codoenses.

Diante disto, o ensino do município possui um quadro em que, 58.8% das escolas encontram-se no estado de atenção, que é quando não consegue alcançar a meta ou teve uma queda em seu índice, ficando para a secretaria municipal juntamente com as escolas, o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com o fluxo escolar adequado. Nesse sentido, a cidade está com 28% de aprendizado, que é a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e de interpretação de textos até o 5º ano na rede municipal de ensino.

Nesse sentido, o quadro das escolas codoenses se classifica em: no estado de alerta, atenção e que precisa melhorar, tendo algumas em situações de não alcançarem a meta estipulada para o ano de 2017, além de todas não alcançarem a nota máxima esperada pelo Ideb, os dados mostram que 26,9% precisam melhorar, 53,8% se encontram em estado de atenção e 19,2% das escolas se encontram no estado de alerta.

3.2 Dos dados da escola São Luís

A escola São Luís, como muitas outras escolas do município, passou pelas as avaliações externas, na finalidade de, por meio do resultado, avaliar o aprendizado dos alunos no que se refere ao ensino matemático e as práticas de leitura e escrita, desenvolvidos pela escola. Nesse sentido, o quadro de evolução referente a escola mostra que, durante três avaliações consecutivas, a unidade escolar não consegue alcançar a meta estimada em cada ano avaliado.

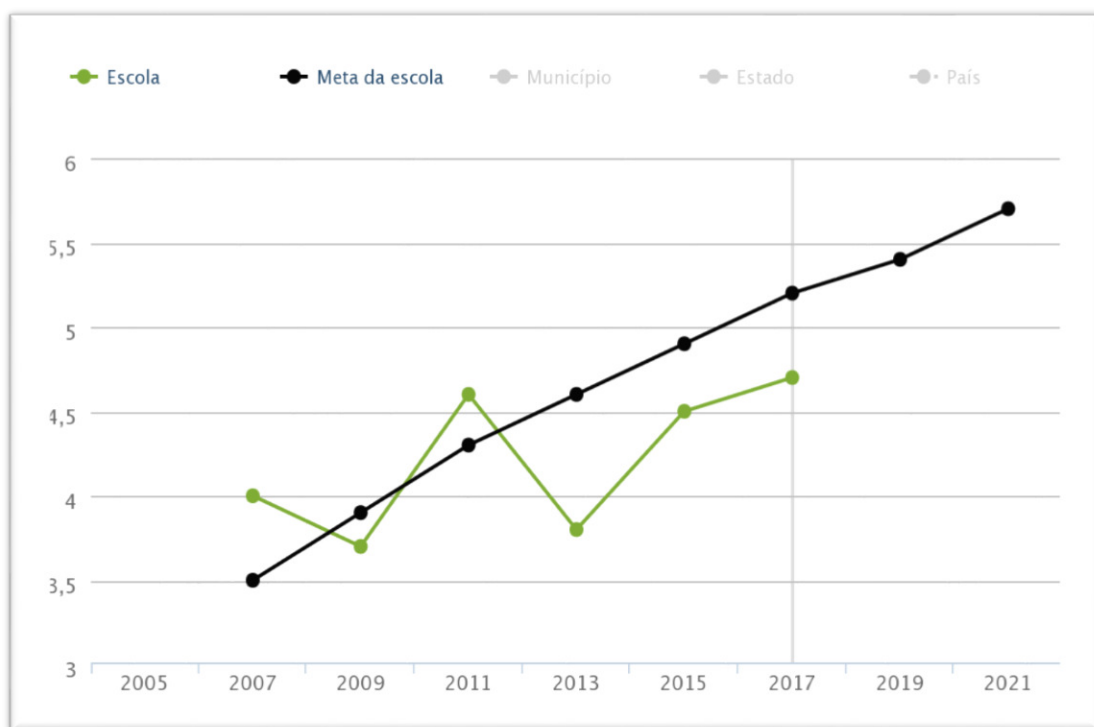
Nesse sentido, os dados revelam que, no ano de 2013, a escola não obteve um quadro bom, pois diferente do esperado, apresentou uma diferença expressiva longe de marcar a meta estipulada, ficando com o índice de 3.8, sendo que deveria ter alcançado uma meta de 4,6.

No ano de 2015, houve um pequeno avanço, mas não sendo ainda suficiente para que a escola chegasse ao desejado, pois novamente não conseguiu a estimativa, chegando a uma pontuação de 4.5, em que a escola deveria ter alcançado a meta de 4.9 naquele ano; na avaliação do ano de 2017, novamente não se tem um avanço esperado, alcançando ao número de 4.7, com uma meta de 5.2. Com esses números

aferidos na escola, temos a compreensão de que possa existir entraves que façam com que a escola não venha alcançar, as metas estimadas.

Para se ter um melhor entendimento, é apresentado a seguir um gráfico, em que encontra o quadro da evolução referente aos números que a escola São Luís marcou nas realizações da prova Brasil. Como na figura 1, o trajeto claro é referente aos números alcançados pela escola e o escuro refere-se a meta estipulada para que a escola alcance .

Figura 2 - A evolução do IDEB da escola São Luís



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017)

De acordo com a plataforma QEdu, para que haja um melhor entendimento, das escolas avaliadas, há uma classificação em parâmetro em relação ao IDEB, que são: Se a escola atingiu a meta prevista para 2013, se cresceu o Ideb em relação a 2011 e se já chegou ao valor de referência 6,0, e quando combinado os três mostra o desempenho da escola, se apresenta um andamento bom ou se precisa melhorar.

Levando em consideração esses parâmetros, que buscam avaliar o ensino, é evidente que a escola pesquisada encontra-se em um quadro em que não há um bom desempenho, pois a avaliação do IDEB coloca a escola em um estado de atenção, que é quando a instituição de ensino ou teve queda no IDEB ou não atingiu e que consequentemente não obteve melhoramento e não foi bem em dois critérios entre os

três analisados, sendo assim ficando com o desafio de melhorar suas práticas em sala de aula para atingir as metas planejadas.

Com base nesses dados em que se refere ao aprendizado para a competência de leitura e interpretação de textos, até o 5º ano, na rede pública de ensino, a escola possui uma proporção de 28% dos alunos que apresentaram um desempenho esperado, pois, dos 60 alunos avaliados, 17 demonstraram aprendizado adequado.

Mesmo com todas essas avaliações em que as escolas são submetidas, e com isso passando por várias exigências, para que obtenham um melhoramento em seu ensino, é percebido que a escola na qual é desenvolvido esta pesquisa, não consegue, desde a avaliação realizada em 2011, um quadro bom que possa superar as metas estimadas.

Vale lembrar que, em 2019, houve as avaliações externas na cidade de Codó, mas que até o momento da finalização desta pesquisa, os resultados não estavam disponíveis. Porém, podemos levar em consideração esses números, nos quais possibilitam surgir necessidades de questionamentos, com intenção de compreender qual o papel da família, da escola e do professor (a) na formação do escritor e do leitor.

É importante, a partir desses números, pensar o ensino de leitura e de escrita nas escolas do município de Codó. Essas questões precisam trazer reflexões variadas que nos levam a pensar até que ponto as escolas do município de Codó estão desenvolvendo medidas, ou algum projeto no intuito de encontrar meios de sanar essas mazelas, com atividades ou estrutura para auxiliar na formação de professores e alunos leitores?

No mesmo sentido, precisamos despertar na família a realidade dessa carência de aquisição da leitura e da escrita em que se encontra a escola, na finalidade de trazer essas questões do ensino para dentro do seio familiar e, com isso, procurar descobrir se os pais ou responsáveis estão cientes desses índices. Em caso afirmativo, de que modo eles vem colaborando para, junto com a escola, mudar essa realidade? Ou até mesmo, se, por meio de práticas viciadas, estão de alguma maneira contribuindo para o analfabetismo dos alunos?

3.3 Programa residência pedagógica

A residência pedagógica (RP) é um programa que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, efetivado aos demais programas da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. De acordo com o nº. 23038.001459/2018-36. Conforme o Edital CAPES nº 06/2018, o programa busca o aprimoramento do estágio curricular supervisionado, necessário para os cursos de licenciatura, sendo umas de suas principais finalidades a de inserir o licenciando na educação básica, resultando em um rico conhecimento da prática em sala de aula.

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (EDITAL CAPES nº 06/2018).

Nesse sentido, o RP acredita que, para se alcançar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica, é preciso investir na formação de professores nos cursos de licenciatura assegurando aos licenciandos habilidades e competências que sejam capazes de lhes garantir uma boa formação voltada para a realidade do ensino público, que, muitas das vezes, é bem carente de abordagens inovadoras.

Sendo assim, o discente de licenciatura, quando contemplado para participar do programa como bolsista ou voluntário, deve desempenhar em suas atribuições algumas atividades, dentre elas, regência de sala de aula e intervenção pedagógica as quais precisam ser acompanhadas por um professor com experiência, sendo esse o preceptor dos residentes dentro da escola campo, bem como sobre orientação por um docente da sua Instituição formadora.

O RP na cidade de Codó, do edital CAPES nº 06/2018, conta com parcerias da Universidade Federal do Maranhão e da Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e inovação (SEMECT). Por meio do programa busca-se um melhoramento do índice da educação do ensino fundamental das escolas da rede pública de ensino.

Nesse sentido, em Codó, foram contempladas para participar do programa três escolas municipais, são elas: a escola municipal Rosângela Moura, situada no bairro

Trizidela, onde atuam 8 residentes bolsistas e 17 alunos do 3º e 4º ano; a escola municipal São Luís, situada no bairro Codó Novo, com 8 bolsistas e duas voluntárias, sendo 25 alunos do 4º e 5º ano e na escola Rosalina Zaidan, localizada também no bairro Codó Novo, em que são abrigados 7 bolsistas e duas voluntárias, sendo 23 alunos do 4º ano.

No município, o projeto teve como coordenadora a professora Cristiane Martins da Costa Silva, que muito contribuiu para preparação e auxílio nos cursos de iniciação, tanto dos residentes como das professoras preceptoras; posteriormente, o professor Aziel Alves de Arruda assumiu o cargo da coordenação por motivo de afastamento para licença maternidade da professora Cristiane Martins. O programa residência tem uma carga horária de 440 horas distribuídas em sua duração, onde se iniciou no dia 31/08/2018 e tem seu término em 31/01/2020.

A realização do programa nas escolas contempladas ocorre em algumas etapas, nas quais a primeira é a preparação com o (a) coordenador (a), que é quando, os residentes e as professoras preceptoras recebem uma formação inicial tanto no modalidade presencial como online na plataforma do programa, na qual são realizadas atividades, nos encontros presenciais ocorrerem momentos de orientações acerca das ações do programa, foram selecionadas as duplas que serão distribuídas às escolas, em seguida, vem o momento da ambientação seguida de observações dentro da sala de aula na escola campo na qual o residente é designado para acompanhar as aulas de uma turma do matutino. Nesse caso, ficamos com a turma do 3º ano, como também a parte da alfabetização com os alunos que foram selecionados pela escola campo por conta de suas dificuldades em ler e escrever, em que estavam ocasionando o atraso escolar desses alunos e conseqüentemente, a escola apresentando um índice baixo de aprendizagem.

Em resumo, essas etapas se davam na ambientação e conhecimento da escola, regência escolar: atividades desenvolvidas como regência na sala de aula, as atividades da residência desenvolvidas na escola – extra sala de aula, as atividades da residência desenvolvidas na Instituição de Ensino Superior (IES), as atividades da residência desenvolvidas em outros espaços educacionais, (como feiras, congressos, secretaria de educação etc.)

Vale lembrar que esses alunos da escola pesquisada participavam do programa por conta das dificuldades por eles apresentadas: eram alunos que estavam no 4º e 5º ano do turno vespertino e tinham dificuldade com números, leitura e a

escrita, e os encontros com eles ocorriam no contra turno de suas aulas regulares. No início, os residentes teriam que trabalhar em duplas, tendo que cada dupla desempenhar suas atividades na escola campo duas vezes na semana. Essa maneira dos residentes terem que desenvolver suas funções em duplas, foi modificada posteriormente, ficando cada residente responsáveis por uma quantidade de alunos, assim, ficamos responsáveis por acompanhar e trabalhar com quatro alunos do 4º ano.

Nos primeiros momentos com os alunos, vimos que era necessário realizar diagnóstico com a turma para que assim tivéssemos o conhecimento da real situação em que os alunos se encontravam no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita. Desse modo, é apresentado a seguir imagens referentes a um dos momentos em que foi realizado essas análises.

Figura 3 - Diagnóstico do aprendizado realizado com os alunos



Fonte: própria

Assim, utilizamos desde o método tradicional de ensino à utilização de jogos educativos para avaliar o aprendizado e as dificuldades que cada aluno apresentava. As imagens ilustradas anteriormente mostram um jogo educativo, no qual utilizamos para verificar o entendimento dos alunos acerca da escrita e da leitura.

Nesse dia, chamamos um por um e o diagnóstico era realizado individual, ao analisar as imagens é notório que no jogo é apresentada uma figura de um

determinado objeto para que assim o aluno, possa formar com as plaquinhas o nome desse objeto, foi orientado que eles fizessem o nome do objeto da forma que entendia como correto.

Desse modo, fica nítido uma situação de dificuldades na escrita, percebe-se que, em uma imagem, temos a figura de uma pá e o aluno coloca quatro consoantes, que para o entendimento dele é a escrita correta. Vale lembrar que alguns conseguiram formar a palavra correta, mas somente quando era mostrado objetos de palavras comuns de serem usadas dentro da sala de aula, como: casa, sapo, gato, rato, dedo, isto é, palavras em que eles já tinham familiaridade.

Portanto, dá para observar, a partir disso que os alunos conseguiram formar algumas palavras pelo fato de já terem decorado as formas, e não porque sabiam formar de fato aquelas sílabas que forma determinadas palavras, logo após que era analisado, as informações elas eram anotadas em um caderno, com o nome de cada aluno juntamente com suas especificações, apontando as dificuldades e o desempenho.

Durante as nossas aulas, fizemos uso do alfabeto em E.V.A, por meio do qual separamos as vogais e consoantes, fizemos combinações da famílias das letras do alfabeto, utilizamos também a matemática, com a contagem de letra e de sílabas que continham nas palavras, fizemos uso de cartazes com textos diversos como parlenda, cantigas, poesia, historias contos, dentre outros, tínhamos várias maneiras de trabalharmos com os textos, exemplo, separar todas as palavras que começa com uma determinada letra, depois trabalhar a escrita e leitura dessa palavra, era comum estimular a imaginação dos alunos com a leitura desses textos, pegávamos algumas frases para trabalhar a leitura e a escrita, eles não escreviam o texto todo, apenas pequenas partes que eram separadas em frases.

A seguir, na figura 4 temos a turma ainda no início bem cheia, os alunos de todas as duplas, na segunda imagem, são os alunos que ficavam designados para a dupla de residente daquele dia.

Figura 4 - Turma do projeto



Fonte: Própria

Figura 5 - Um dia de aula com os alunos do projeto



Fonte: Própria

Em nossas aulas, fizemos uso dos recursos que nos eram disponibilizados, bem como confeccionamos nossos próprios recursos, e alguns materiais para a

decoreção da sala, pois o ambiente carecia ficar com uma aparência de um espaço alfabetizador.

Figura 6 - Decorações educativas



Fonte: própria

O programa possui uma programação tipo, nas quintas-feiras, eram reservadas para os encontros de formação, ficando assim uma quinta designada para nós residentes e preceptoras nos reunir na escola para conversamos em busca de melhorar as abordagens para que os objetivos fossem alcançados. Na próxima quinta, ficando designada para as formações na UFMA com o (a) coordenador (a) do projeto, para uma avaliação mais abrangente, na qual passamos por formações bem precisas que ajudaram bastante, a maneira de considerar as especificidades de cada criança. Desse modo, todos esses encontros tanto com os alunos, preceptoras e nas formações na universidade entra na distribuição das 440 horas da carga horaria, que correspondiam ao planejamento das atividades a serem desenvolvida durante programa.

A cada seis meses foram realizados eventos de encerramentos de semestre que contavam com a presença dos alunos com suas atividades culturais, suas famílias, o pessoal da escola, os residentes, coordenação e a população da UFMA em geral. A todo final do mês, os residentes teriam que enviar para a plataforma do programa uma espécie de avaliação referente as atividades desempenhadas pelas preceptores e do coordenador.

Na metade do tempo do programa, a nós foi enviado um modelo de relatório para que preencheremos com todas as realizações que foram feitas durante esse tempo, para que depois esse relatório fosse concluído ao final do programa, com o nome intitulado relatório final, no qual teríamos que completar com as atividades e ações desenvolvidas desde da metade do programa ao seu final, ou seja, assim ter um relato completo de todo o tempo que estivemos desenvolvendo nossas funções como bolsistas e assim ser enviado para a plataforma do residência.

Com tudo que foi vivido, destaca-se o Programa Residência Pedagógica como peça importante para o desenvolvimento desta pesquisa porque ele nos mostrou uma realidade e uma problemática muito acentuada no município. A partir do programa, passamos a pensar o que de fato está acontecendo para que os alunos não tenham êxito na escola? Para tentar encontrar essas respostas, decidimos desenvolver a pesquisa de conclusão de curso analisando a realidade dos alunos da residência pedagógica da escola São Luís.

Nesse sentido, mediante a vivência com esses alunos, foi possível observar o quanto a escola estava precisando ter um acompanhamento como este, do mesmo modo, são visíveis o interesse e a empolgação das crianças durante as atividades que foram com elas desenvolvidas, atividades de escritas, leitura, artísticas e brincadeiras, que mesmo com muitas dificuldades a gente conseguiu êxito em muitas dessas atividades, e para meu aprendizado.

A partir dessa análise, podemos afirmar que o tempo em que estive como residente, foi possível desenvolver conhecimentos sobre a prática pedagógica, pois ao se deparar com dificuldades reais, onde se é designado para contribuir para um melhor aprendizado desses alunos e sobretudo eles poderem sair do quadro de analfabetos, os desafios e os aprendizados são variados.

3.4 As dificuldades dos alunos da escola campo na concepção da residente bolsista

Mediante as experiências vividas, durante nossa trajetória acadêmica na qual tivemos a oportunidade de estagiar e desenvolver projetos em algumas escolas, foi possível perceber a presença das dificuldades de aprendizagem, que de fato é um problema recorrente no meio escolar, e, na parte que tange às dificuldades na aquisição da leitura e da escrita, não é diferente, sendo grande o número de alunos

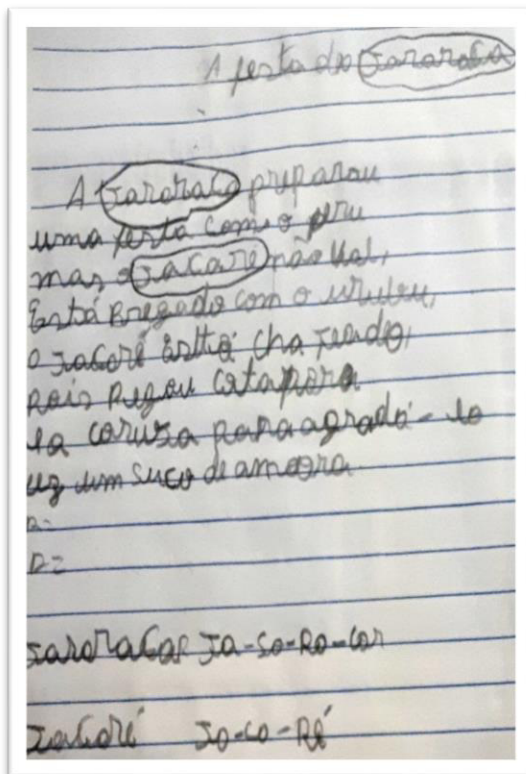
que nas atividades direcionadas para o aprendizado da leitura e da escrita apresentam alguma dificuldade durante o processo.

As experiências vividas dentro da escola municipal São Luís, aconteceu de duas maneiras, a primeira ingressando em setembro de 2018 como residente bolsista, como também no ano de 2019, com a oportunidade de estagiar nas turmas do 1º e 3º ano dos anos iniciais, na disciplina do ensino de ciência, a essa altura já havia feito o estágio na educação infantil, no ensino fundamental na turma do 3º ano e na gestão em outras escolas da rede municipal de ensino da cidade.

Através dessas vivências nas escolas da rede municipal no município de Codó, foi possível observar quanto a escola pesquisada precisava de um projeto mais preciso capaz de mudar o quadro que apresentava, já que, em sua realidade, havia muitos alunos que não sabiam ler e escrever, pois logo de início foi possível perceber os baixos rendimentos no aprendizado dos alunos do 4º e 5º ano participantes do programa.

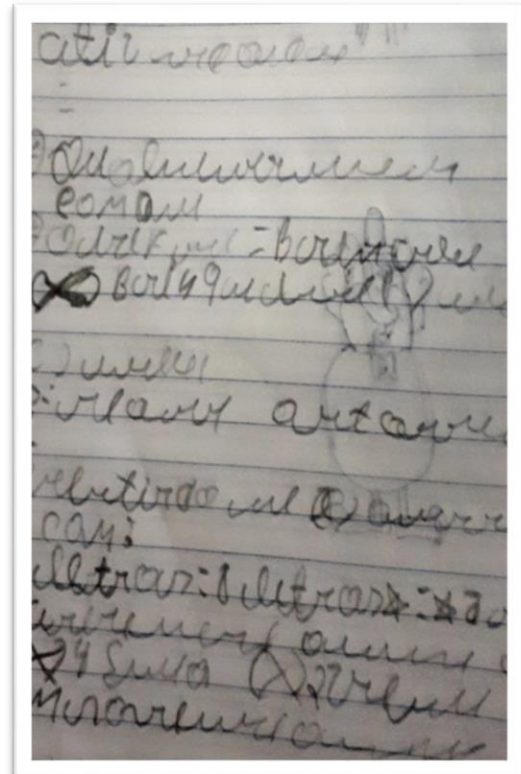
A seguir, apresentamos algumas imagens, nas quais são ilustradas duas amostras da escrita de dois alunos, do 4º ano, ainda no início do programa. Por motivo de preservar a identidade dos alunos, eles serão identificados como A1 e A2 .

Figura 7 - Escrita / A1



Fonte: própria

Figura 8 - Escrita/ A2



Fonte: própria

Diante dessas e de várias outras escritas, em que, em muitos pontos, não é possível perceber o que está escrito, percebemos o quanto que era difícil para eles escreverem se não fosse em caixa-alta, alguns dos alunos não conseguiam alcançar essa escrita e logo notamos que tinham mais facilidade quando escreviam com as letras maiúsculas, pois acredita-se que eram habituados em sempre escrever dessa maneira. Cumpre lembrar que o uso recorrente de escrita bastão e maiúsculas é indício de fases iniciais da escrita (ROBERTO, 2016).

Logo, foi possível perceber que a escola não tem um local destinado às leituras, existe uma deficiência de uma local organizado e adequado para a prática de leitura, permitindo compreender que a escola não dispõe de materiais ou práticas de incentivo para as práticas leitoras. Acerca disso, o caderno de orientações, denominado *Escola Digna*, criado pela Secretaria de Estado da Educação do Maranhão (SEDUC-MA) destaca que: “A biblioteca escolar é um local privilegiado para o desenvolvimento dos/as estudantes na formação leitora e nas competências no âmbito da informação e da investigação”. (MARANHÃO, 2016 p. 33).

Mediantes as orientações do caderno, é possível observar que nas diretrizes voltadas para a biblioteca escolar, como sendo um espaço que não deve ser somente restrita ao corpo docente, mas sim, deve ser um ambiente proposto para que toda a comunidade escolar faça uso de sua funcionalidade.

Durante o projeto, dentre os meses de setembro a dezembro de 2018, acompanhamos algumas turmas dessa escola, ficando nossa dupla (conosco nessa escola atuava outra bolsista do programa) com a turma do 3º ano, na qual apresentava muitos alunos que não conheciam o alfabeto, pois, em um universo de 31 alunos, possuía apenas 7 alunos que apresentava indícios de que já sabiam ler e escrever. Em todo esse tempo, tivemos a oportunidade de observar como que ocorre o processo de ensino e aprendizagem da escola que levavam para as competências de ler e escrever.

Nesse tempo, foi possível notar que as práticas de ensino são voltadas muito para abordagens tradicionais de ensino, no qual, no processo de alfabetização “o *B a BA*”, tona-se algo memorizável, em que a criança facilmente conseguiu decorar o alfabeto. Esse tipo de abordagem em nossa prática alfabetizadora e esse conhecimento elementar que os alunos dessa escola apresentam explicam o porquê de quando se perguntava para os alunos determinada letra ou sílaba separadas do

alfabeto eles não sabiam responder, mas quando se coloca a família de uma determinada letra em sequência é quase que de imediato os pronunciados.

Segundo Collelo (2012), na grande maioria dos casos em que os alunos apresentam dificuldades em aprender algo no âmbito escolar, é consequência das concepções e metodologias de ensino, isto é, são as práticas escolares adotadas que podem estar dificultando de o aluno aprender. A autora ainda destaca que é preciso buscar alternativa educativas renovadoras, nas quais os métodos de ensino, os recursos didáticos devem ser eventualmente substituídos, porém esses modelos de ensino são recorrentemente presentes nas práticas de sala de aula na alfabetização.

Dessa maneira, o ensino mostrou-se totalmente mecânico, pois os alunos não possuem o hábito de se posicionar nesses momentos de repetição, no intuito de questionar o que está posto para que ele leia e escreva, apenas repete tudo tanto na escrita quanto oralmente. Acerca da importância de o aluno expressar um posicionamento durante o processo de ensino e aprendizagem, Smolka (2003, p. 112) faz uma crítica em que questiona alguns pontos importantes:

A escola tem ensinado as crianças a escrever, mas não a dizer – e sim, repetir – palavras e frases pela escritura; não convém que elas digam o que pensam, que elas escrevam o que dizem, que elas escrevam como dizem (porque “ o como dizem” revelam as diferenças); a escola tem ensinado as crianças a ler um sentido supostamente unívoco e literal das palavras e dos textos e a escola tem banido aqueles que não conseguem aprender o que ela ensina, culpando-os pela incapacidade de entendimento e de compreensão.

Os professores costumam frequentemente utilizar um recurso que na visão deles é uma maneira de auxiliar para aprendizado dos alunos que estão com dificuldades na aquisição da leitura, que são as velhas conhecidas fichas de leituras, que, no nosso modo de ver, atrapalham mais do que contribuem, pois a maneira com que essas fichas são utilizadas não surte efeitos positivos e isso explica a demora com que os alunos conseguem aprender a ler de fato.

Logo, foi percebido que eles decoravam as leituras clássicas contidas nas fichas, a exemplo: “*O rato roeu a roupa do rei de Roma*”; *o sapo não lava o pé*; quando tivemos a oportunidade de acompanhar a turma do 3 ano, modificamos totalmente a maneira com que essas fichas eram utilizadas, já que na escola elas se tornavam um recurso essencial, pois certo, utilizávamos, mas invertia totalmente a ordem das palavras. Com isso, fazia uma provocação na leitura desses alunos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo principal deste trabalho é estudar fatores que podem contribuir para as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita que têm sido apresentadas pelos alunos da escola municipal São Luís. Os alunos investigados neste trabalho são participantes do programa Residência Pedagógica e que, mesmo estando no 4º e 5º ano, não apresentavam um bom desempenho com a leitura e com a escrita na época da pesquisa. Para tanto, foi necessário, em primeiro momento, fazer observações das práticas de leitura e de escrita dentro no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, das turmas do matutino da escola pesquisada. Essas observações ocorreram durante a nossa residência no Programa Residência Pedagógica e durante o estágio, desenvolvidos na escola investigada.

Nesse sentido, essa pesquisa é classificada em descritiva e exploratória, e, para obter uma melhor fundamentação teórica acerca da temática estudada neste trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica, na qual traz a concepções de alguns autores, dentre eles destacam-se Gomes (2004), Gotijo (2008), Piletti (2006), Ferreira (1996) e Soares (1995, 2014, 2017). Esses autores trabalham com as dificuldades de leitura e escrita, além do papel do contexto social e escolar para o desenvolvimento de habilidades e aprendizado.

4.1 Procedimentos para coleta e análise de dados

A pesquisa configura-se a partir de uma abordagem quali-quantitativa, na qual foram utilizados para a coleta de dados questionários para conduzir as entrevistas realizadas com os professores, e com as famílias de alguns alunos da escola São Luís, participante do Programa. Com relação à pesquisa quali-quantitativa, Neves (1996, p.2) defende que:

Combinar técnicas quantitativas e qualitativas torna uma pesquisa muito mais forte e reduz os problemas de adoção exclusivas de um desses grupos; por outro lado, a omissão do emprego de métodos qualitativos, num estudo em que se faz possível e útil emprega-los, empobrece a visão do pesquisador quanto ao contexto em que ocorre o fenômeno.

Para que os dados fossem mais precisos, foi feito um estudo de caso por meio do qual foi investigado o caso de cinco alunos da escola São Luís. De acordo com Paiva, (2019) A pesquisa que desenvolve o estudo de caso busca investigar no

meio de um contexto específico um caso em particular de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Na realização das entrevistas, foram aplicados dois questionários: o primeiro (apêndice A) é constituído apenas por perguntas abertas aplicado aos professores e o segundo (apêndice B) com perguntas abertas e fechadas aplicado às famílias . Mediante as respostas dadas pelos sujeitos entrevistados a partir dos questionários, foi possível colher informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e com as análises dos dados pode-se compreender a complexidade dos fenômenos estudados.

4.2 Do contexto da escola São Luís

A escola está situada na rua São Luís, no bairro Codó novo na cidade de Codó/MA, caracterizado como um bairro periférico, em que falta saneamento básico, com uma população carente com famílias grandes com a realidade na qual muitas pessoas vivendo no mesmo teto e ainda por cima vivendo com poucos recursos financeiros e com a situação econômica bem preocupante.

Assim, temos um quadro em que, uma grande parcela da população do bairro Codó Novo é composta por famílias carentes, que vivem em situação de vulnerabilidade. Essas famílias compõem o público-alvo da escola. Os alunos apresentam alguns problemas que acabam refletindo na sua vida escolar, que podem estar afetando de maneira negativa sua aprendizagem.

Figura 9 - Fachada da escola São Luís



Fonte: própria

A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, do 1^a ao 5^o ano, sendo do 1^o ao 3^o no turno matutino e do 4^o e 5^o no vespertino.

O prédio da escola apresenta sete salas de aulas ao total, que funcionam os dois turnos. O corredor da entrada dá acesso à diretoria. A frente, existe um pátio bem grande com salas ao redor; no fundo, a escola tem um espaço livre em que funcionou, por algum tempo, o Programa Residência Pedagógica.

Assim, a escola apresenta a seguinte estrutura física: sete salas de aula contendo cada uma: dois ventiladores, uma mesa com a cadeira para a professora, uma lousa, um quadro negro e as cadeiras para os alunos. A escola também possui dois banheiros: um feminino e um masculino, uma sala para os professores (que também foi utilizada para os residentes acompanhar os alunos do projeto) também tem a cantina que tem uma mesa, um fogão industrial, um frizer, uma geladeira, um ventilador, uma pia, um bebedouro e o almoxarifado

O corpo de funcionários da escola é composto pela diretora, uma supervisora pedagógica, o secretário, cinco professores da manhã, e quatros da tarde, dois vigias, duas zeladoras e duas merendeiras.

4.3 Participantes da pesquisa

A investigação elaborada com os sujeitos da pesquisa tem o intuito de compreender o ponto de vista dos professores acerca do seu trabalho docente, e a importância que esses educadores dão às dificuldades de aprendizagem, presentes em sua sala de aula. As ações realizadas pela escola para uma redução desse problema, bem como compreender a visão da família sobre suas contribuições na aprendizagem do educando.

As entrevistas ocorreram no período em que compete aos dias dezesseis (16), dezessete (17) e dezoito (18) de março do ano de 2020, durante esses dias foram feitas duas visitas na escola, para poder contemplar todos os professores da escola na realização das entrevistas. Na ocasião, foram entrevistados nove (9) professores do 1^o ao 5^o ano assim como, a família de cinco (5) alunos, do 4^o e 5^o ano. Cumpre ressaltar que dois dos cinco alunos investigados são irmãos e moram na mesma casa.

4.4 Dos professores (a)

No dia 16 de março, no primeiro dia de entrevistas, foram entrevistados 5 professores, que lecionam nas turmas do 1º ao 3º ano do turno matutino, com esses professores já tínhamos algum contato, pois enquanto estivemos na escola como residentes, acompanhava os alunos do projeto no período da manhã, assim as entrevistas foram bastante tranquilas e fomos bem recebidas em suas salas e responderam de maneira bem esclarecidas as perguntas que lhes foram questionadas.

No dia 17, realizamos as entrevistas com três professores do período da tarde, os quais lecionam nas turmas do 4º e 5º ano, dois desses professores preferiram apenas responder os questionários ao invés de serem entrevistadas. Uma professora do período da manhã acompanhou as entrevistas, então do mesmo modo foram entrevistas bem produtivas, em que pudemos colher bastante informações.

Desse modo, os questionários que foram utilizados para conduzir as entrevistas com os oito professores continha 13 perguntas, com a finalidade de saber o tempo em que esse professor exerce a profissão o tempo em que leciona na escola pesquisada, a sua formação, as abordagens para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, bem como, se em sua sala possui algum aluno que não sabe ler e escrever.

Em caso afirmativo, quais as medidas adotadas pela escola para diminuir o número de alunos com dificuldades, também querer saber pelo professor se a família costuma ir à escola para saber sobre o desenvolvimento do educando e por fim se esse professor considera-se um leitor.

4.5 Das famílias

As visitas com as famílias ocorreram somente no dia 18 de março, já que os alunos que participaram deste estudo residem no mesmo bairro sendo também o mesmo bairro da escola. Alguns deles são vizinhos. Na ocasião, foram visitadas as famílias de cinco alunos, que se mostraram bastante abertas às perguntas feitas durante as entrevistas.

Do mesmo modo que ocorreu com os professores, foi feito com as famílias. Foi utilizado um questionário para conduzir as entrevistas: esse questionário possui seis perguntas, que têm como intuito descobrir se a família do educando que apresenta dificuldades no aprendizado costuma ter hábito de leitura e escrita, e, em caso afirmativo, com que frequência acontecem esses momentos e se a família acompanha

as atividades. Pretende-se também mediante as perguntas conhecer o grau de instrução dos responsáveis por esse educando, a renda familiar e a quantidade de pessoas que residem com esse aluno.

Portanto, mediante as visitas às residências dos alunos, foi possível desenvolver uma conversa com família, para observar o fator sociofamiliar e socioeconômico, o interesse que é dado ao aluno no aprendizado de leitura e de escrita. Com isso, verificar se em casa esses alunos têm assistência de seus responsáveis para o desenvolvimento do hábito de ler e de escrever no intuito de mensurar o envolvimento dos responsáveis nas atividades escolares de seus filhos.

5 LEITURA E ESCRITA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: OLHANDO FATORES

Este capítulo trata da compreensão do processo de ensino e aprendizagem na escola pesquisada, por meio das falas dos (as) professores (as) que lecionam nos anos iniciais, acerca de suas práticas pedagógicas, buscando entender a visão desses profissionais sobre desenvolvimento da leitura e escrita em suas abordagens.

Da mesma maneira, procura entender como que esses educadores enxergam esse problema tão marcante em seu âmbito escolar, a fim de descobrir as possibilidades de intervenção que almejam para reduzir essas dificuldades, que tanto prejudicam a auto confiança de seus alunos. Do mesmo modo, o capítulo traz a concepção da família acerca das dificuldades de aprendizagens, procurando por meio da visão dos responsáveis por esses alunos, compreender a importância que dão

para um acompanhamento familiar nas práticas que envolvem suas contribuições na vida escolar do educando.

Conforme já referido neste estudo, por virtude de uma inquietação que surgiu após constatar o alto número de alunos que apresentavam dificuldades na leitura e na escrita na unidade escolar São Luís, em que foram observadas durante uma participação enquanto residente bolsista, nasceram alguns questionamentos do que poderia estar ocasionando esses déficits no aprendizado desses alunos.

Diante disto, surge a necessidade de pesquisar alguns dos possíveis aspectos que facilitam para que as dificuldades de aprendizagens prevaleçam no âmbito escolar. Desse modo, focamos em pesquisar em fatores externos, os ambientes nos quais o aluno faz parte para que possamos descobrir onde se encontram as prováveis falhas. Segundo Bossolan (2011, p.28). “Os problemas sociais ou ambientais que podem estar relacionados às dificuldades de aprendizagem estão presentes na grande maioria das vezes em casa ou na escola”.

Pensando nisso, foi averiguado, na literatura pertinente, os aspectos das dificuldades de aprendizagem, no que tange à leitura e à escrita, bem como foi elaborada uma análise da organização das práticas para o desenvolvimento da leitura e da escrita da escola São Luís, e a partir disso ser capaz de entender o processo de ensino e aprendizagem da escola.

Do mesmo modo, foi analisada ações familiares desses alunos, compreender o que de fato pensam a respeito dessas dificuldades e de, que modo têm consciência dessas dificuldades, bem como, importância que dão para a vida escolar de seu filho, o que estão fazendo de fato para auxiliar o trabalho docente e juntos serem capazes de reduzir na escola pesquisada o número de alunos que não sabem ler e escrever.

Portanto, busca-se traçar as respostas dadas pelos professores, e pelas famílias dos alunos da referida escola, para que assim serem capazes de entender os resultados por meio das considerações de tudo que foi obtido durante as entrevistas e principalmente averiguar minuciosamente as respostas dos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa para que possamos ter conhecimento das causas que estão provocando esses alunos a terem dificuldades de aquisição da leitura e da escrita.

5.1 A visão do (a) professor (a) acerca das dificuldades do aluno e das práticas para desenvolvimento na aquisição da leitura e da escrita na Escola São Luís

Mediante as informações conseguidas com as respostas do questionário aplicado aos professores da rede municipal de ensino, que ministram suas aulas na escola municipal São Luís, podemos contar com dados que podem apontar algum entendimento para as possíveis causas que levam a presença de alunos que não possuem um bom rendimento nas práticas de leitura e de escrita.

É entendido que, para que o aluno tenha êxito no processo de ensino e aprendizagem, é preciso que as abordagens pedagógicas utilizadas pelo professor sejam interativas fazendo com que o aluno se sinta parte daquele momento, não deixando de procurar meios que facilitem a aprendizagem, pois o fracasso de um aluno pode ser reflexo de um sistema deficiente de práticas inovadoras, o que resulta em uma instituição de ensino com baixos índices na aprendizagem do alunado.

Segundo Cagliari e Giovani, (2015 p.29). “As notas avaliam não apenas o desempenho do aluno, mas também a do professor. A reprovação de um aluno é também a reprovação de um professor e da escola porque essa situação deveria ter sido evitada”. Desse modo, são as práticas utilizadas por uma instituição e pelo próprio professor, que levam tanto para desenvolvimento quanto para as dificuldades encontradas no processo educativo como um todo.

Para tentar expor e analisar os dados coletados por nós nesta pesquisa, estão apresentadas as perguntas contidas no questionário utilizado nas entrevistas que foram realizadas com esses professores, seguidas de suas respectivas respostas.

Na finalidade de preservar as identidades dos 8 professores (as) entrevistados (as), esses serão identificados com a letra (P) seguida dos numerais de 1 a 8 respectivamente.

1ª Pergunta – Qual é a sua formação? E quanto tempo trabalha como professor(a) ?.

2ª Pergunta – Há quanto tempo você é professor? (a) na escola São Luís?

As respostas coletadas por meio da 1ª pergunta (tabela 1) mostram que todos os professores têm formação superior. E quanto ao tempo de formação e ao tempo de docência, vemos que a maioria tem mais de 20 anos que trabalha como professor (a). Apenas 2 dos professores têm menos de 10 anos de docência e 1 não informou o tempo de profissão.

Ainda na tabela 1, observamos que, no que se refere às respostas da 2ª pergunta, a maioria é de professores que já têm um bom tempo que ministram suas aulas na escola pesquisada, sendo o P8 o mais recente como docente na escola, possuindo apenas três anos que iniciou seu trabalho na escola São Luís.

Tabela 1 - Respostas da 1ª e 2ª pergunta

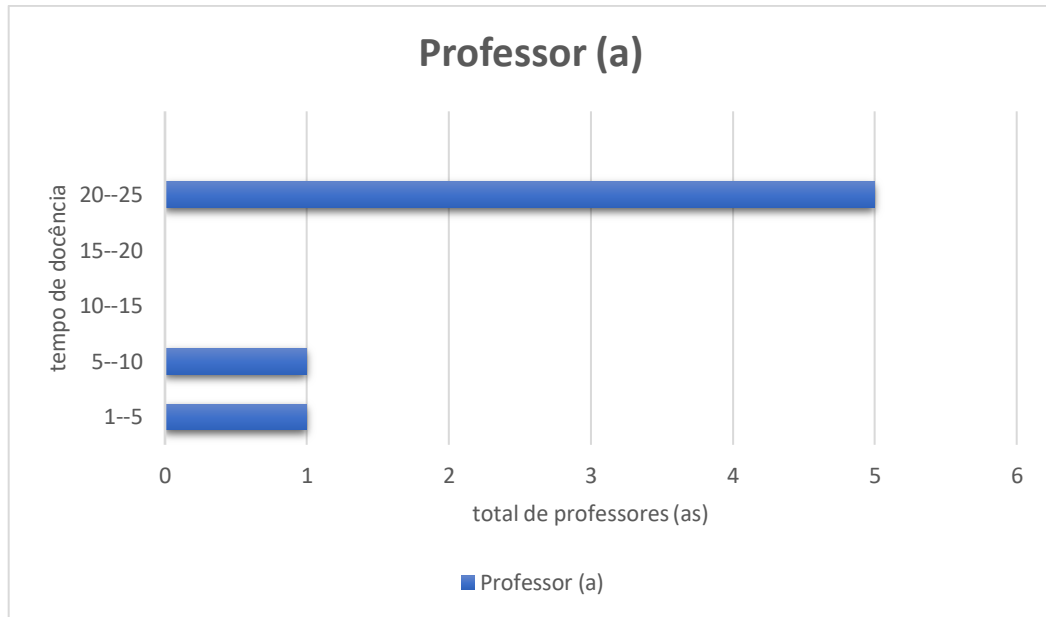
	Respostas à 1ª pergunta	Respostas à 2ª pergunta
P1	Licenciatura em Pedagogia / Há 20 anos	11 anos
P2	Licenciatura em Matemática/ Há 22 anos	10 anos
P3	Licenciatura em Pedagogia / Há 22 anos	20 anos
P4	Licenciatura em Matemática. Não informou	4 anos
P5	Licenciatura em Matemática / Há 22 anos	4 anos
P6	Magistério nível médio e Ciências humanas história. Há 4 anos	4 anos
P7	Licenciatura em Matemática / Há 22 anos	10 anos
P8	Licenciatura em Pedagogia / Há 7 anos	3 anos

Fonte: Própria

Um fato importante de observar, é que apenas três professores são licenciados no curso de pedagogia, sendo a maioria desses professores com licenciaturas em outras áreas. Com o pressuposto de que o professor (a) pedagogo, possui uma formação de ensino superior adequada para as séries investigadas, já que, é por excelência o profissional capacitado para ministrar nas séries iniciais. Em vista disto, podemos então aferir que essas circunstâncias podem ser um dos motivos da escola não ter apresentado bons resultados em seu ensino.

Os dados acerca do tempo de docência dos professores entrevistados estão novamente apresentados no gráfico a seguir. Vale ressaltar que, um dos professores não informou o tempo de profissão, nesse caso no gráfico possui apenas dados de sete (7) dos oito (8) professores entrevistados.

Gráfico 1 - tempo de docência dos professores



Diante do período de atuação dos professores, vemos que são docentes que atuam há muitos anos no ensino, como já citado anteriormente, mas o que não deixamos de analisar é que são professores que de algum modo perpetua em um único sistema de ensino, estando de algum modo acomodados, e por muitas das vezes a não renovação de seus métodos acabam que mesmo sem intenção prejudicando seu alunado.

Os dados a seguir tratam das séries de atuação desses professores. Esses dados foram recolhidos de duas perguntas sobre suas atuações. Desse modo, eles mostram que os informantes desta pesquisa são professores que ministram nas series iniciais do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, (tabela 2), e que têm alunos que não são alfabetizado, mesmo atuando em séries em que essas dificuldades com a escrita já deveriam ter sido resolvidos. Apenas o P8, que leciona no 4º ano, afirma que sua turma não há aluno com problemas de leitura e de escrita.

3ª Pergunta – Em qual turma você leciona ?

4ª Pergunta – Em sua sala, existe aluno que não aprendeu a ler ou a escrever? Se sim, quantos?

Tabela 2 - Fala dos (as) professores (as) na 3ª e 4ª pergunta

	Respostas à 3ª Pergunta	Respostas à 4ª pergunta
P1	1º Ano	Sim, todos não sabem ler e escrever
P2	2º Ano	Sim, 8 Alunos

P3	2º Ano Mat. E 4º Ano Vesp.	No 2º- 5 alunos, não lê e não escreve. No 4º - 4 alunos.
P4	5º ano	Sim, 3 aproximadamente
P5	1º ano	Sim, todos eles não conhecem nem as letras
P6	5º ano	Sim, não soube dizer quantos
P7	2º ano	Sim, 8 Alunos
P8	4º ano	Não

Fonte: Própria

Por outro lado, não deixamos de destacar que, a maioria do alunos que não sabem ler e escrever estão no 1º ano, muito embora, nas séries do 1ª ano isso seja comum e natural, porém percebe-se que ainda são crianças que não apresentam um bom desempenho, pois de acordo com o P5 não conhecem nem as letras, um fato importante que não podemos ignorar, pois sabemos que alunos que estão nessa serie deveria ao menos ter o conhecimentos das letras e dos números.

5ª Pergunta – Nos últimos 12 meses, participou de algum projeto ou algum estudo de formação continuada, principalmente relacionada à leitura e a escrita? Se sim, qual?

Nas respostas dadas a questão 5 do questionário, é possível perceber que 5 disseram que sim, que já participaram de alguma formação ou projeto, e 3 responderam que não fizeram nenhum tipo de formação.

Quadro 1 - Fala dos (as) professores (as) na 5ª pergunta

<p>P1: – <i>Sim, no Programa educar para valer;</i> P2: – <i>Sim, no Programa educar para valer;</i> P3: – <i>Sim, residência pedagógica e fiz uma disciplina de alfabetização na UFMA;</i> P4: – <i>Não, infelizmente não há incentivo por parte da prefeitura fazer formação;</i> P5: – <i>Não;</i> P6: – <i>Sim, no Programa educar para valer;</i> P7: – <i>Sim, PENAIC;</i> P8: – <i>Não.</i></p>

Fonte: Própria

De acordo com as respostas contidas no quadro 1 é possível observar que não são todos os professores que participam de projetos e formações que têm o intuito de melhorar o desempenho dos alunos na leitura, então é certo que há um déficit nas participações desses professores em eventos que são alusivos ao melhoramento de suas abordagens em busca de uma melhoraria na aprendizagem dos alunos, buscando também despertar no aluno o gosto pelo ao ler.

Assim, devemos ter um entendimento da importância que tem um professor atualizado e participativo em momentos que buscam obter conhecimento, que irão ser fortes ferramentas de reduzir as causas do fracasso no ensino em sua escola, pois sabemos que a não participação, em momentos como esses pode afetar diretamente em seu desempenho e conseqüentemente no de seus dos alunos.

6ª Pergunta – Em suas práticas em sala de aula, como que você aborda as produções de leitura e escrita ?

Ao observar as falas dadas pelos (as) entrevistados (as) na 6ª pergunta (Quadro 2), nota-se que em suas práticas em sala de aula fazem uso de vários recursos que os auxiliam nas as produções de leitura e de escrita dos alunos.

Quadro 2 - Fala dos (as) professores (as) na 6ª pergunta

P1: – *Jogos e textos diversos;*
 P2: – *Através de textos e produções;*
 P3: – *Através de leituras de textos e gêneros e produções;*
 P4:– *De várias formas, atendendo às orientações dos nossos coordenadores direcionam: incentivar os alunos a fazerem leituras em casa;*
 P5: – *Leitura compartilhada, ilustrada, escrita de pequenas palavras frases e de textos;*
 P6: – *Mediante ao uso de textos de vários gêneros;*
 P7: – *Leitura compartilhada oral e individual, através de textos e atividades xerocadas;*
 P8: – *No primeiro momento, faço leitura compartilhada, em seguida como uma imagem no caderno do aluno e eles fazem a história depois leem.*

Fonte: Própria

Conforme as falas dos professores, vemos o uso de uma variedade de recursos que lhes auxiliam nas abordagens de produções de leituras e de escritas, o que nos leva para o entendimento que são aulas de métodos e materiais diversos de leituras, com os mais variados gêneros textuais. Mas, com tudo informado são alunos que estavam com suas habilidades de leituras bem restritas para não dizer nenhuma. O que explica os resultados das dificuldades que os alunos apresentavam ?

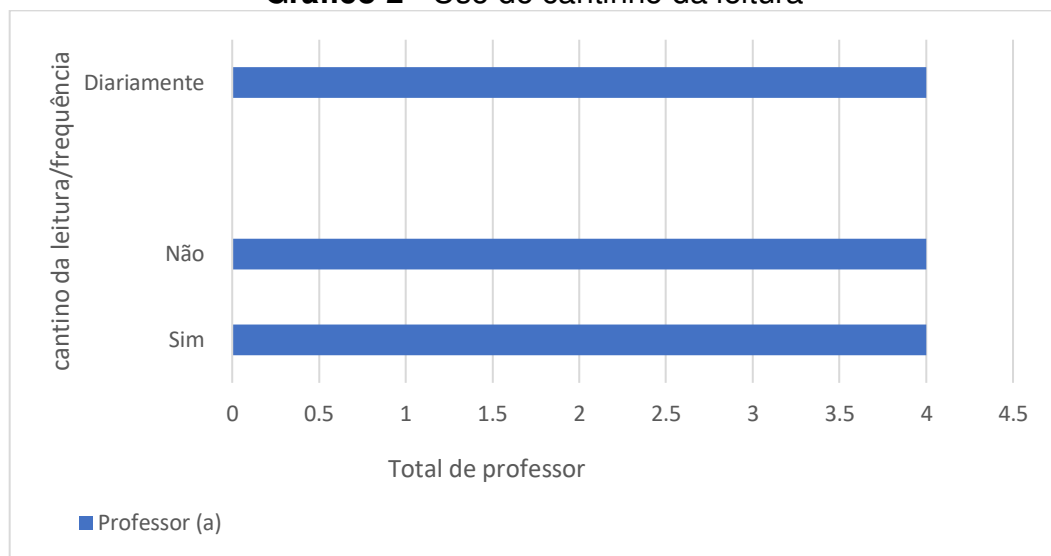
7ª Pergunta – Em sua sala de aula possui o cantinho da leitura? Se sim, ele é usualmente frequentado e aproveitado pelos alunos? e qual a frequência das visitas?

Conforme as respostas, (gráfico 2), observa-se que 4 dos 8 professores afirmam que as suas salas de aula têm o cantinho da leitura, e que esse espaço é utilizado com a sua turma todos os dias. Já os outros 4 disseram que ainda não tem o espaço, mas que pretende, tão logo colocar em sua rotina esse hábito. Nesse

sentido, eles informam que estão fazendo a escolha de um lugar para fazer esse espaço. Destaca-se a resposta dada por P8 que diz em suas palavras:

- *“No momento não, mas estou providenciando livros para que os alunos possam desfrutar desse momento tão importante.”*

Gráfico 2 - Uso do cantinho da leitura



Fonte: Própria

Como já mencionado, temos os dados que mostram que a metade dos informantes além de em sua sala ter o cantinho da leitura, eles são diariamente utilizados, em contrapartida temos uma outra metade que disseram não têm, mas que pretendem fazer. O que nos leva acentuar que a escola possui falhas em hábitos dinâmicos em suas leituras, é certo que nas series em que esses professores atuam, ainda é fundamental o uso desse espaço, para que os alunos criem hábitos e o gosto pela leitura.

Por outro lado, a não estabilidade de rotinas assim ocasiona em o não desinteresse por parte do aluno, pois acaba que deixando o momento de ler algo chato. É preciso que pelos menos nos dois primeiros anos, o (a) professor (a) tenha entendimento que o ato de ler deve ser dinâmico interativo e principalmente convidativo, já que, o cantinho da leitura não deve ser visto de maneira alguma como um espaço decorativo, mas sim, que tenha uma funcionalidade. Só assim teremos alunos que fazem do ato de ler um momento agradável ao invés de chato e cansativo.

8ª Pergunta – Você costuma conversar com a família do (a) aluno(a) quando você percebe que não está apresentando um bom desempenho nas atividades propostas?

As respostas dos professores (tabela 3), referente à 8ª pergunta mostram que esses professores têm um diálogo profícuo e constante com a família dos alunos, que mantêm a família informada quando o educando não apresenta um bom desempenho, dos 8 professores 4 dizem que fazem esse contato com muita frequência.

Tabela 3 - Fala dos (as) professores (as) na 8ª pergunta

P1	Sim, converso com os pais
P2	Sim
P3	Sempre
P4	Sim, sempre que possível
P5	Sim
P6	Sempre procuro conversar
P7	Sempre converso em particular com cada um
P8	Sim estou sempre mantendo os pais informados

Fonte: Própria

Conforme as falas, percebe-se que a escola sempre tem o hábito de manter as famílias informadas acerca do desenvolvimento dos alunos no que compete as práticas da leitura e da escrita, o que parte para o entendimento de ser uma escola que procura manter a família informada para que possam ter apoio no aprendizado, o que será contestado mais na frente com a fala das famílias.

9ª Pergunta – A família tem o hábito de procurar saber como está o desenvolvimento do (a) filho (a)?

De acordo com as falas dos professores (as) (tabela 4), percebe-se que não é costume de todas as famílias procurarem saber de como está o desenvolvimento do educando.

Tabela 4 - Fala dos (as) professores (as) na 9ª pergunta

P1	Sim, tem
P2	Sim,
P3	Não, infelizmente é um déficit muito grande o acompanhamento por parte da família
P4	Alguns, sim outros não
P5	Alguns, muito poucos
P6	Não é prática de todos, porém sim

P7	A minoria, nem todos
P8	Não

Fonte: Própria

É visto que há uma carência quanto ao interesse da família em saber como anda o aprendizado de seu filho na escola, pois entende-se mediante as respostas dadas pelos professores que não são todas que tem essa preocupação. Já é dito que, o quanto que é fundamental para o aluno que sua família mantenha vínculo ativo no processo de ensino e aprendizagem para que assim possa ter um bom desenvolvimento na aprendizagem.

Pois a família é considerada como um dos pilares fundamentais no processo de escolarização de uma criança. Porém o público no qual é desenvolvido essa pesquisa apresenta uma distância da escola e sobretudo do processo de ensino, essas ausências acabam que tendo peso negativo, pois a falta de incentivo é de fato causas para o desinteresse do aluno.

10ª Pergunta – Você considera-se um (a) leitor (a) ? Com que frequência você lê e que tipo de literatura você consome?

No (quadro 3) a seguir, no que se refere às respostas dadas pelos professores sobre a 10ª pergunta, percebe-se que apenas 2 professores responderam que não se consideram leitor (a), onde afirmam que costumam ler apenas leituras voltadas para suas práticas pedagógicas. Os demais professores, afirmam que sim, citando vários tipos de leituras que costumam fazer, vejam a seguir.

Quadro 3 - Fala dos (as) professores (as) na 10ª pergunta

P1: – <i>Sim, todos os dias leio na sala com aos alunos;</i>
P2: – <i>Mais ou menos, costumo ler Informações;</i>
P3: – <i>Não, costumo fazer apenas leituras da escola os conteúdos;</i>
P4: – <i>Sim, livros pedagógicos;</i>
P5: – <i>Sim, leio diariamente livros e a bíblia;</i>
P6: – <i>Sim, leio livro, as áreas humanas de variados gêneros textuais e literatura clássica;</i>
P7: – <i>Não, leio apenas leituras voltadas para as práticas de alfabetização;</i>
P8: – <i>Sim, não tenho preferência.</i>

Fonte: Própria

Conforme as falas anteriores, é mínimo o número de professores que dizem não se considera leitor, diante a isso entende-se que são profissionais que estão inseridos em práticas ativas de leituras, o que cabe esperar é que professores leitores

incentive seu aluno em práticas leitoras e que sobretudo ensine a importância da leitura nas práticas sociais de um indivíduo .

11ª Pergunta – A escola realiza projetos que incentivam os alunos para o hábito da leitura ? SIM / NÃO. Em caso afirmativo, cite alguns dos projetos realizados.

De acordo com a tabela 5, todos os professores disseram que sim, que já realizaram em sua docência na escola projetos que incentivam os alunos para terem hábito de ler.

Tabela 5 -Fala dos (as) professores (as) na 11ª pergunta

P1	Sim, no projeto de leitura: ler para valer
P2	Sim, projeto de leitura
P3	Sim, no projeto de leitura: Feira literária
P4	Sim, nos projetos de leituras etc.
P5	Sim, mas não lembra os nomes
P6	Sim, Sarau literário
P7	Sim, mas não lembra os nomes
P8	Sim, feira literária contação de história e Sarau

Fonte: Própria

Vemos um quadro totalmente positivo, que de acordo com que afirmam os informantes a escola já desenvolveu iniciativas que procuram incentivar seus alunos nas práticas leitoras. Então, o que se pode pensar é que são profissionais que conhecem a importância que tem uma escola engajada nas causas que incentivam seus alunos aprender.

12ª Pergunta – É sabido que, na escola, há a presença de alunos que não apresentam um bom rendimento no que se refere ao ler e escrever. Nesse sentido, quais as medidas adotadas pela escola para mudar esse quadro?

De acordo com que os professores responderam (quadro 4), são variadas as medidas em que utilizam para combater o analfabetismo dos alunos que já deveriam ler e escrever, citaram algumas dessas medidas adotadas pela escola juntamente com o trabalho docente de cada um, dentre elas: os testes de fluência realizado mensalmente na escola, leituras compartilhadas, dialogo com os pais, algumas parcerias como o Programa Residência Pedagógica desenvolvido na escola.

Quadro 4 - Fala dos (as) professores (as) 12ª pergunta

<p>P1: – Atualmente fazemos leituras todos os dias compartilhadas; P2: – Textos de fluência acompanhamento mensal; P3: – Atividades diferenciadas conversa com os pais sobre o aluno; P4: – Leituras e verificação de fluência acompanhamento pedagógico etc. ; P5: – O que a escola tem feito é o recebimento do programa residência pedagógica para ajudar os alunos;</p>

P6: – *Até onde se sabe, a escola tem parceria com a Universidade federal e projetos com a mais educação;*
 P7: – *Um professor que acompanha os alunos reforço no programa residência pedagógica;*
 P8: – *Literatura em movimento, onde o aluno escolhe um livro para ler entre outros da sala.*

Fonte: Própria

Vemos que são professores que têm o conhecimento do quadro de dificuldades que a escola presente e que segundo eles (as), as tomadas de decisões para que se tenha uma resolução desse problema, afirmando desenvolvem diversas medidas, com isso cabe a questionamento, mas porque ainda assim temos alunos que não conhecem nem as letras?

13ª Pergunta – Sobre as dificuldades de aprendizagens apresentadas por alguns alunos, o que você acredita que podem estar ocasionando-as ?

Por último, e a partir dos depoimentos a seguir (quadro 5), observar-se que todos os professores citam a falta de acompanhamento da família, ou até mesmo a ausência da família como os fatores que podem estar ocasionando as dificuldades dos alunos.

Quadro 5 - Fala dos (as) professores (as) na 13ª pergunta

P1: – *A participação da família é muito pouca. Acompanhamento Pouco;*
 P2: – *A família não acompanha muito e a falta de interesse do próprio aluno;*
 P3: – *Falta de acompanhamento familiar, poder aquisitivo, famílias carentes com fome não aprende;*
 P4: – *Aprovação automática é uma delas, a falta de acompanhamento dos pais etc.;*
 P5: – *Falta de estudar em casa não ficar só esperando pela escola;*
 P6: – *Inúmeros fatores: condição socioeconômica, desestrutura familiar entre outros;*
 P7: – *Falta de interesse pelos próprios alunos e a falta de acompanhamento da família;*
 P8: – *O incentivo dos pais, problemas familiares, financeiros e outros mais.*

Fonte: Própria

Em alguns momentos vemos que a escola coloca todo o crédito na família pela insuficiência de aprendizagem por parte dos alunos, visto a isto temos uma escola que afirma reconhecer que em seu âmbito a presença de alunos com problemas sérios na aprendizagem, mas atribui esse insucesso apenas a família, percebemos assim que a escola não se culpa pelo cenário por ela apresentado.

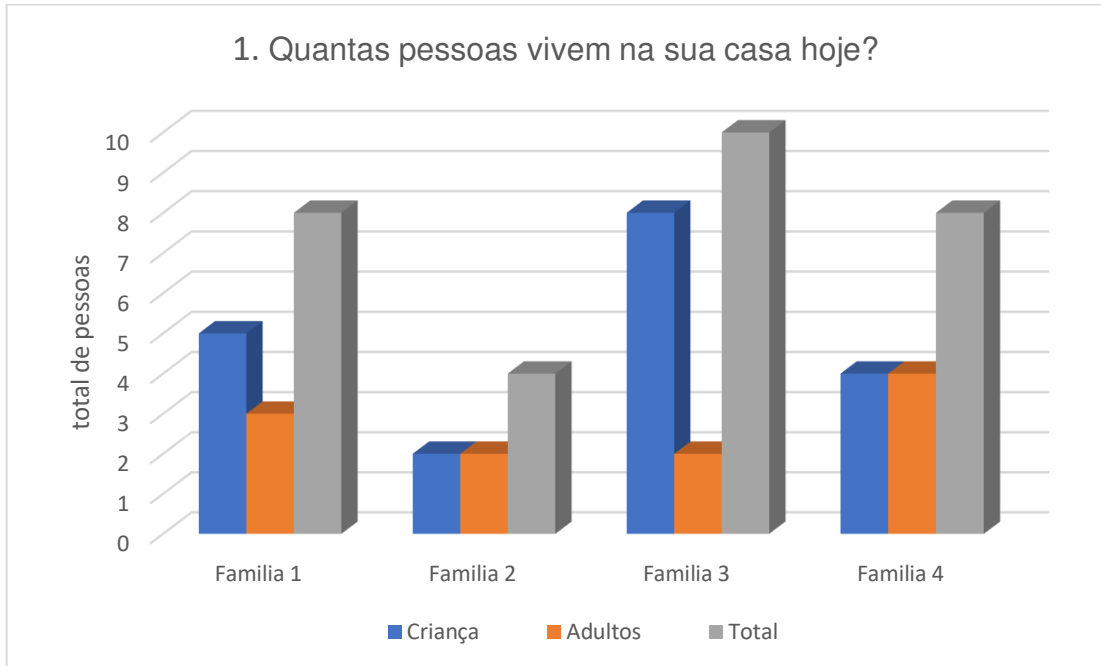
5.2 Da conjuntura familiar e da concepção da família acerca de sua contribuição no processo de escolarização

Nesse tópico, serão apresentados os dados das respostas que foram dadas pelas quatro famílias entrevistadas. Foi utilizado um roteiro de perguntas que versava sobre a situação socioeconômica das famílias, procurando conhecer a quantidade de pessoas que moram com o aluno, a renda familiar e o grau de instrução dos responsáveis, assim como analisa o envolvimento que essas famílias têm com o processo de escolarização de seu filho. Preservando a identidade das famílias dos alunos, serão identificadas como: Família1, Família2, Família3 e Família4 respectivamente.

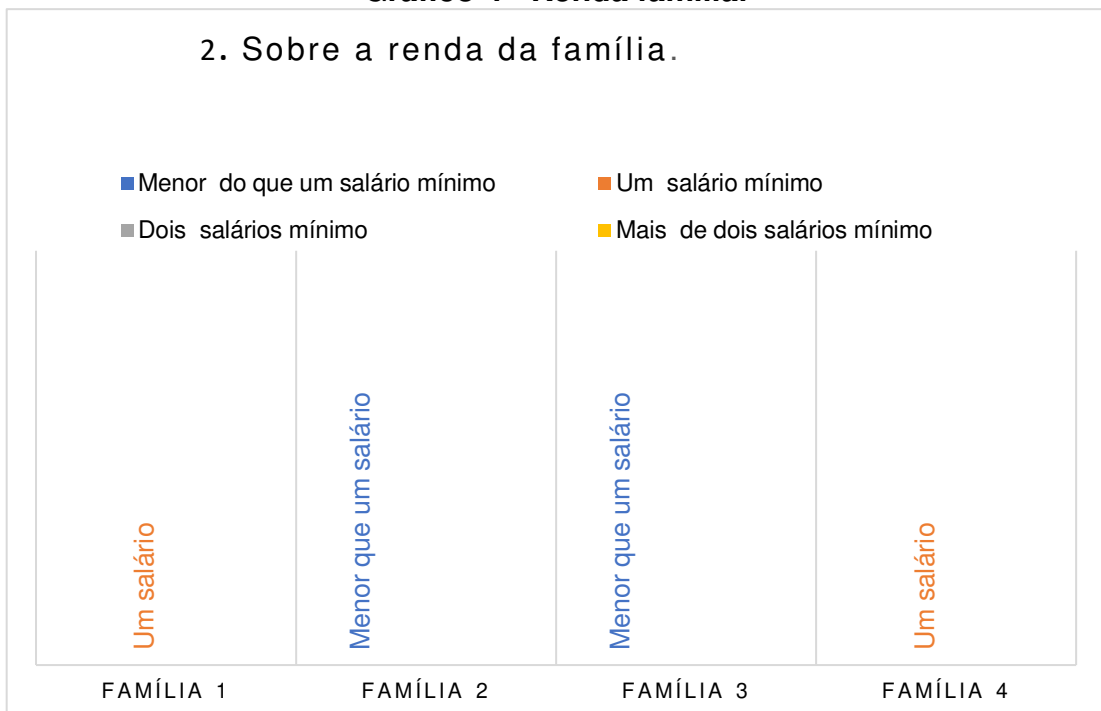
De acordo com as respostas dos entrevistados, é possível observar que as famílias possuem muitos integrantes morando na mesma residência, (gráfico 1), nas quais percebemos que tem mais crianças do que adultos, destacamos o caso da família 3 com 8 filhos, sendo a mais velha uma adolescente de 14 anos. No momento da entrevista, a mãe relatou que o filho mais novo tinha apenas um mês de idade.

Outro fato necessário evidenciar é o cenário de vulnerabilidade, da situação econômica precária das famílias, (gráficos 3 e 4). Observa-se que duas delas possuem a renda de apenas um salário mínimo.

Nesses dois casos de famílias que têm essa renda, a principal fonte de renda são as aposentadorias das avós, já que são elas responsáveis pela família, sendo a pessoa que provém o sustento. Em outras duas famílias das investigadas neste estudo, a situação das famílias 3 e 4 é bem mais difícil, já que todos sobrevivem com menos de um salário mínimo por mês.

Gráfico 3 - Quantidades de membros na família

Fonte: Própria

Gráfico 4 - Renda familiar

Fonte: Própria

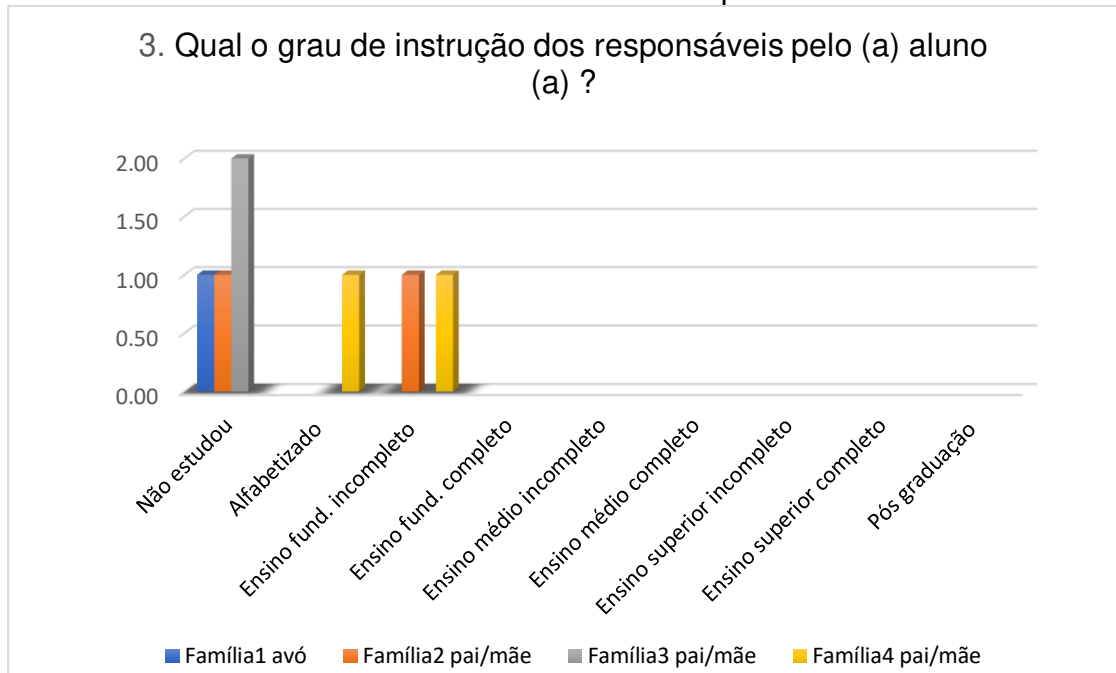
Estamos apresentando um público carente, o qual relata passar por dificuldades, mas que dizem mandar seus filhos para escola por acreditar na educação, mas o que precisamos saber de fato é : até que ponto a situação financeira dessas famílias interfere no aprendizado dos alunos?

Arriscamos a uma resposta, muitas são os casos em que as pessoas acabam sendo vítimas de um sistema que pouco lhes oferecem tendo que viverem com poucos e tendo como aliada uma decisão perversa que é a de trabalhar ainda enquanto criança, assim acabam deixando os estudos, pois a fome dói muito mais do que não saber ler o rótulo do biscoito.

Desse modo, parte reflexões acerca desses meninos e meninas da escola que vivem nesse cenário, devemos enquanto professores usar da posição para cortar esse círculo que vem há anos vitimizando crianças em todo país e sobretudo na região nordeste, oportunizar as crianças a sua garantia de estudar e não mais tendo que trabalhar enquanto criança igual seus pais tiveram que fazer outrora.

Um fato que é preciso ser lembrado, é que na realidade que vivemos hoje os trabalhos em que as crianças são submetidas na maioria das vezes a causa para que se percam no mundo do crime, uma vez entrando é muito difícil sair e muito mais difícil ainda é voltar a estudar.

Na 3ª pergunta direcionada às famílias, que tem por objetivo analisar o grau de instrução dos responsáveis pelo educando, como demonstra o gráfico 5, observa-se que o responsável pela família 1 é a avó. A avó respondeu que nunca estudou; já na família 2, são os pais responsáveis, onde tem o pai que não estudou e mãe estudou apenas o ensino fundamental incompleto; na família 3, são também os pais responsáveis e os dois não estudaram; na família 4, apesar de morarem na casa da avó, são os pais responsáveis por acompanhar nas atividades escolares, nesse caso, o pai é apenas alfabetizado e a mãe estudou até o ensino fundamental incompleto, mais precisamente na antiga 4ª série.

Gráfico 5 - Escolaridade dos responsáveis

Fonte: Própria

Observa-se que são famílias com pouco grau de instrução escolar, onde temos caso de pais que nunca estudaram ver-se que o ensino fundamental incompleto é o grau escolaridade mais elevado, o qual é apresentado por duas famílias, assim, podemos pensar que nessas famílias a pouca escolaridade por parte dos responsáveis desses educando, pode sim ser uma causa para que eles alunos não venham ter um bom rendimento, já que a parte que compete ao meio familiar complementar o ensino, não estar sendo de fato efetuada, pois não tem como os responsáveis auxiliares nas atividades se muitos deles são analfabetos.

Levando em consideração as respostas apresentadas pelas famílias na 4ª pergunta (tabela 6), temos uma compreensão de que a maioria dos entrevistados estão satisfeitos com o ensino desenvolvido na escola pesquisada, pois temos duas famílias que o considera o ensino ótimo, uma diz que é bom e temos uma que acha o ensino da escola irregular, essa mesma família citou que o filho não evoluiu quase nada na escola.

Já na 5ª questão (tabela 6), também quando questionado se tinham hábitos das práticas de leitura e de escrita, ficou entendido de que alguns dos entrevistados ficaram confusos para responder, foi preciso uma mediação para que eles pudessem compreender o que a pesquisa queria saber.

Assim, temos as famílias 2 e 4 que disseram que tem hábitos de ler e escrever, a família 2 disse que apenas durante as atividades, a família 4 apenas de vez em quando que costumam ler e escrever, a família 1 respondeu que as vezes lê e a família 3 respondeu que não lê e nem escreve, mas que ver sua filha adolescente fazendo as atividades da escola. Quando foi perguntado para os entrevistados que responderam sim com que frequência que se dá essas leituras e escritas, as famílias não souberam responder.

Tabela 6 - A visão da família sobre o ensino da escola/ hábito de leitura e escrita da família

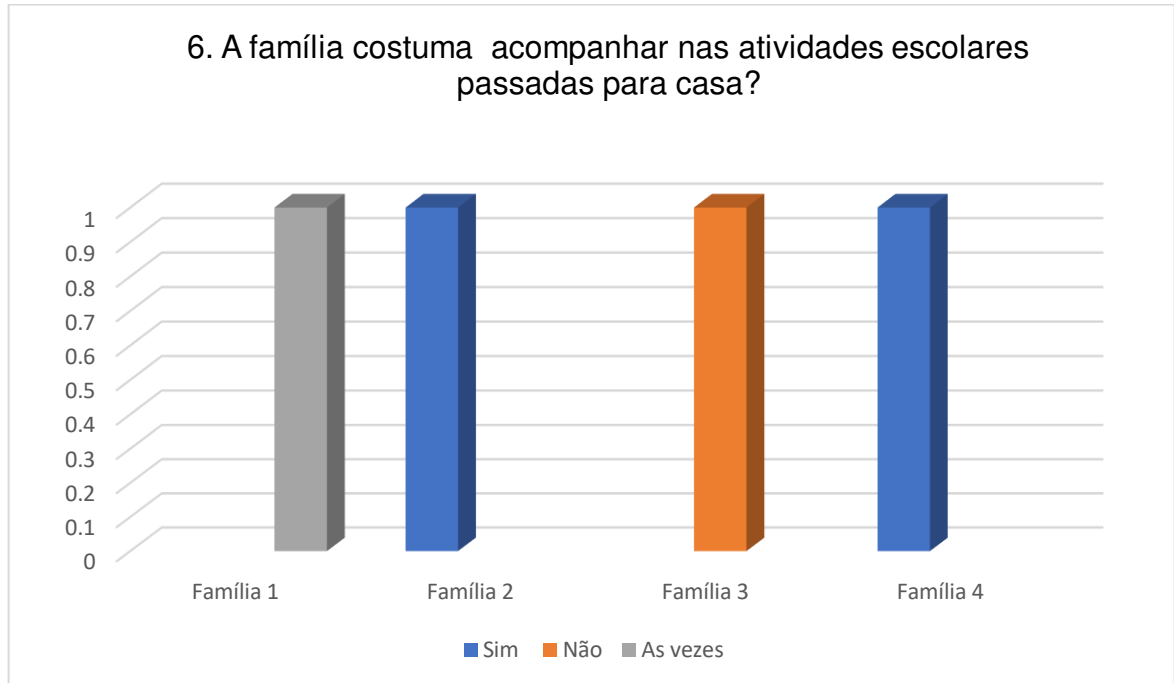
4ª e 5ª Pergunta	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Sobre o ensino desenvolvido na escola São Luís, você o considera: Irregular, Regular, Bom ou Ótimo.	Bom	Ótimo	Irregular	Ótimo
A família costuma ter hábito de leitura e escrita. Se sim, com que frequência?	Às vezes	Sim, nas atividades	Não	Sim, de vez em quando

Fonte: Própria

Conforme já comentado verificar-se que 3 famílias demonstram gostar do ensino desenvolvido na escola pesquisada, e temos uma família insatisfeita, e que podemos compreender com isso é que, são famílias que não se envolvem nas práticas da escola, acabam em optar por não manifestar de outro modo.

Ao observar os dados do gráfico 6 sobre o fato da família acompanhar nas atividades escolares, nota-se que apenas as famílias 2 e 4 responderam que sim, a família 1 relatou que de vez em quando e a família 3 disse que não, pois, como não sabem ler e nem escrever, não sabem ajudar o filho nas tarefas de casa.

Gráfico 6 - Acompanhamento nas atividades



Fonte: Própria

Das quatro famílias temos duas que apesar de suas limitações de conhecimento escolar procuram de algum modo auxiliar o aluno, enquanto as outras duas em que as condições para acompanhamento é ainda mais limitada, temos alunos que infelizmente não são bem assistidos em casa, e essa realidade acaba acarretando em mais um obstáculo para que esses alunos sejam prejudicados em sua aprendizagem, pois quebra-se uma continuação do ensino, que deveria ser escola e casa.

Acerca do incentivo das famílias para as práticas leitoras, quando perguntado (gráfico 7), todos os entrevistados, sem exceção, responderam que sim, que incentivam para que os filhos leiam e principalmente que estudem, pois acreditam que estudando eles podem crescerem na vida.

Gráfico 7- Incentivos para leitura

Fonte: Própria

Diante dos dados da 7ª pergunta, 100% das famílias, afirmam que sempre incentivam seus filhos, manda para escola por acreditar na educação. Podemos perceber com isso que são famílias que apesar de não terem tido oportunidade de progressão no estudo, não querem que aconteça o mesmo com seus filhos, notamos assim que essa esperança por parte das famílias são contribuições fundamentais para o processo de mudança.

Por fim, quando perguntado na 8ª e última pergunta, se a família é informada do desempenho do educando, como observado nas falas (tabela 7) em que todos responderam que são informados apenas quando vão à escola, nas ocasiões de reuniões para assinatura de notas.

Tabela 7- Diálogo escola/família sobre o desempenho do educando

8ª Pergunta	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
A família é informada pela escola acerca do desempenho escolar do educando (a)? se sim, de que maneira ocorre esse diálogo ? Sim Não	Sim. Quando vou à escola	Sim. Quando vou à escola	Sim. Quando vou à escola	Sim. Quando vou à escola. Quando pergunto

Fonte: Própria

Com essas falas que sempre se fala dos alunos e de seus problemas apenas em reuniões em que estão todas as famílias juntas, acredita-se que esse modo ultrapassado não atribui muito efeito, pensamos que deveria ocorrer um momento no

qual se fala só com uma única família para focar em um único aluno e seus problemas, no intuito de procurar intervenções precisas para que as dificuldades sejam informadas diretamente para os responsáveis. Mas que para isso deveria ter toda uma programação, um panorama de alunos com suas dificuldades para assim traçar metas juntamente com toda comunidade da escola.

5.3 Algumas considerações sobre os dados encontrados

Segundo os dados obtidos, percebe-se que a maioria dos professores entrevistados estão na docência há muitos anos. Porém, mesmo com muito tempo na profissão, alguns desses professores afirmam não ter passado por nenhuma formação continuada, mesmo sabendo da importância de manter-se atualizado na área, e para obtenção de progressão em sua formação, mas infelizmente nem todos têm a oportunidade para esse feito, dando exemplo a fala de um dos entrevistados em que cita, como motivo, a falta de políticas públicas voltadas para esse propósito.

Ainda assim, a maioria dos entrevistados consideram-se leitor, onde apenas a minoria revela não ter hábito cotidianos em leituras, fazendo somente para as particularidades da docência, no entanto, todos têm consciência da importância de o próprio professor ter hábitos constantes de leitura. Pois, como que o professor poderá despertar em seu aluno o gosto pela leitura se ele próprio não ler, não gosta de ler? “Se o professor modelar positivamente os alunos em relação à leitura, e eles tiverem uma representação favorável desta e do professor como leitor, podem colher-se frutos a curto, médio ou longo prazo”. (GOUVEIA, 2009, p.64).

Em suas falas, fica evidente que todos possuem o conhecimento de que a escola passa por dificuldades de aprendizagem, e que afirmam trabalhar com projetos no intuito de contribuir para o desenvolvimento daqueles alunos que não apresentam um bom desempenho na leitura e escrita. Nesse sentido, alguns dos professores citaram a Universidade Federal do Maranhão que contemplou a escola com a participação no Programa Residência Pedagógica, como uma das medidas que surgiu efeito ao longo do ano de 2019.

É importante frisar que, de acordo com os professores, a escola apresenta sim alunos que não sabem ler e escrever, sendo a maioria do 1º ano das séries iniciais, o que de fato é algo natural, porém não podemos deixar de destacar que esses alunos já estão com o desempenho atrasado, uma vez que no ano em que se encontram, já deveriam ter o conhecimentos das letras, o que não é o caso desses alunos. Por

outro lado, conseguimos ver um bom resultado, pois segundo a fala de um dos professores o número de alunos que estão no 5º ano esse ano de 2020 que não sabem ler e escrever diminuiu, pois ao se comparar ao ano passado (2019), esses mesmos alunos estavam no 4º ano e participavam uma boa parte na turma do residência, sendo que no início do programa a sala de alfabetização continha 30 alunos das turmas do 4º e 5º ano.

Segundo a professora que era a preceptora dos residentes na escola, esses alunos foram selecionados por possuírem os casos mais críticos de dificuldades, mas que as turmas do 4º e 5º juntas possuíam muito mais que 30 alunos que não sabiam ler e escrever. Nesse sentido, devemos atribuir as ações desenvolvidas pelo Programa Residência Pedagógica como parte que contribuiu para a redução de alunos presentes na escola que não sabem ler e escrever.

E quanto às práticas desses professores em sala de aulas, que levam para as abordagens de desenvolver nos alunos a leitura e a escrita, os entrevistados destacaram que abordam os gêneros textuais, tanto nas produções como na leitura desses textos, de acordo com as falas, em que alguns revelam que não possuem em sua sala de aula o espaço do cantinho da leitura, a maioria afirma trabalhar com esses textos empregando a leitura compartilhada.

A escola, ainda fala do fato de é pouco o número de famílias que acompanham seus filhos na vida escolar, o que fica entendido com as falas é que a escola sente falta da família envolvida nas atividades escolares do aluno passadas para casa. Esse fato é mencionado, em algumas ocasiões no período em que estávamos acompanhando os alunos, onde em uma maioria relataram que os familiares não sabiam auxiliarem nas atividades.

Um fato importante de destacar é que todos os professores afirmam manter a família informada acerca do desenvolvimento do educando, revelando que sempre informa quando o aluno apresenta algum problema. Por outro lado, as famílias afirmam que esse tipo de informação apenas ocorre quando vão as reuniões para assinaturas das notas, sendo só em momentos como esse que a escola costuma falar sobre desempenho do aluno. Frisamos a fala da família 4, em que disse que os professores falam apenas quando questionado.

Sendo assim, é claro que há divergência entre o que a família e a escola, relatam, pois, o que se nota é que enquanto a escola fala de um determinado modo a família afirma o contrário, nesse cenário, vemos que essa falta de entendimento entre

as duas instituições acaba que prejudicando no desenvolvimento do aluno. De acordo com Souza (2009), o ato de manter uma harmonia com a instituição e a família é indispensável, pois esse tipo de relação além de enriquecer também facilita no desempenho educacional dos alunos, já que, é fundamental que exista de fato uma parceria entre as duas instituições que, por excelência, são mantedoras de formação cidadã.

Nesse sentido, percebe-se assim uma carência de um diálogo pontual entre a escola, a família e o problema do aluno em questão. “Na nossa sociedade, a responsabilidade pela educação das crianças e dos adolescentes recai, legal e moralmente, sobre duas grandes agências socializadoras: a família e a escola”. (MARGARETH E GATTIERI, 2010, p.13).

Como já mencionado, todos os professores relatam que procuram deixar as famílias sabendo de como está a aprendizagem do educando, mas na realidade o que é observado que, não existe esse diálogo entre a escola e família de maneira constante e adequada, no sentido de que deveria haver agendas para se falar de cada aluno com suas famílias para traçarem juntas medidas para que esse educando alcance um bom desempenho nas competências de leitura e escrita.

Porém, entendemos que não está ocorrendo uma parceria, pois todos os professores apontam como uma das principais causas que levam para as dificuldades de aprendizagens de seus alunos, a falta de incentivo das famílias em acompanhar a vida escolar do educando é nítido que a escola pontua que, se a família preocupasse em contribuir na escolarização do aluno, tendo mais comprometimento essas dificuldades apresentadas teriam menos frequência. Entende-se com isso que apesar das famílias apontam a educação com uma saída de ascender socialmente, não é hábito de todas buscarem saber como está o desenvolvimento dos filhos. Outro fator destacado pelos (as) professores (as) como causa, para as dificuldades é a falta de interesse do próprio aluno.

Em contrapartida, temos um fator bem comum, observado nos dados, e que a escola não está atenta, sendo ele, uma das possíveis causas que compromete a aprendizagem, estamos falando da falta de escolarização por parte dos responsáveis pelo educando, pois em muitos vezes por não possuírem escolaridade suficiente para ajudar o aluno nas atividades passadas para casa, que é o caso de quase todas as famílias pesquisadas.

Estamos falando de um agravamento a mais para essas famílias nas quais as circunstâncias socioeconômicas já são precárias, e que somado ao analfabetismo dos responsáveis pela a educação desse educando só acrescenta em mais entraves para que esse aluno aprenda, pois os dados mostram que dentre as famílias pesquisadas possui pais que nunca estudaram. De acordo com Souza (2009), um lar que apresenta uma estrutura socialmente e economicamente deficiente tem certa influência nas crianças presentes nesse meio, pois ocasiona para que não tenha um bom desempenho na escola, já que é fato que quando o ambiente familiar é afetado de alguma maneira a vida escolar do educando de certa forma é afetada.

O autor ainda afirma que a família é base fundamental para de formação de um indivíduo, nesse sentido podemos atribuir os valores e as condições familiares como algo que acabam que moldando a pessoa, pensando nisso, não podemos deixar de considerar que quando uma família possui deficiências sociais culturais econômicas, englobam uma series de problemas que inevitavelmente afetam na escolarização das crianças.

Nesse sentido, tendo como base as falas das famílias que são famílias carentes que vivem em situações econômicas bastantes escassas, são pessoas que sobrevivem com pouco e quando não são aquelas que tem que recorrer a aposentadoria da avó, temos as que procuram desdobrar-se para garantir o sustento familiar. “Os filhos da maioria de explorados têm dificuldade para sobreviver e, quando o conseguem quase sempre permanecem marginalizados dentro da sociedade, trabalhado de sol a sol pra sustentar a si e à família”. PILETTI, 2006, P.194)

Desse modo, a família recorre ao processo escolar como uma saída, uma maneira de ver nos filhos a realização daquilo que não tiveram oportunidade, é percebido que mesmo com muitas mazelas no ensino público, é na escola que as famílias encontram uma chance para reverter o quadro em que se encontram.

No entanto por não terem estudo, essas famílias, pais e as avós falam que incentivam os filhos para que aprendem, destacamos um relato durante a entrevista de alguns dos pais, em que disseram que: “Meu sonho é ver os filhos formados”. Logo vemos que, de certo modo há esperança e incentivo nessas famílias. Sobre esse incentivo Bossolan (2011), fala que, para que haja uma aprendizagem de qualidade é fundamental, um ambiente doméstico favorável que der estímulo e incentivo, pois o meio em que vivemos exerce um papel muito importante, na aprendizagem.

O que pretendemos compreender com o exposto é, porque a escola cobra tanto esse amparo familiar, nas quais a maioria não possui instrução suficiente para ensinar seus filhos? A escola cobra uma aproximação dando um distanciamento, já que o que é observado que a própria escola não quer tal proximidade, pois, para a família estar envolvida na escolarização do educando ela não precisa apenas estar limitada em ensinar as atividades, mas sim, participar das decisões tomadas na escola. E nesse caso, observou-se que na realidade não é costume das partes, a maioria das famílias se quer sabem que podem opinar e participar em decisões que envolve todo o processo do ensino da escola.

No entanto, considerando a tudo que foi exposto, nota-se que a escola, por meio das falas dos professores busca traçar uma excelente linha para reportar perfeitas práticas na sala de aula, o que de fato ocasiona em uma divergência do que foi muitas vezes observado durante o período vivenciado na escola. De acordo com as respostas obtidas, temos uma escola que apesar de muitos casos de alunos que não sabiam ler e nem escrever nos anos de 2018 e 2019, observamos dados de professores que dizem utilizar no âmbito escolar de vários momentos, métodos, e projetos que enfatizam para o desenvolvimento dessas competências em seus alunos.

Porém, ao mesmo tempo em que a escola aponta essas medidas, fala da não participação da família, e que a falta de acompanhamento por parte das famílias foram em suma citados por todos os professores, como causa para o quadro de rendimento baixo no ensino da escola, assim atribuindo todo o crédito das causas de alunos que estão atrasados em aprender a ler e a escrever para as famílias. Portanto, fica entendido assim que a escola sabe da situação precária das aprendizagens de seus alunos, já que diz fazer uso de vários recursos e abordagens para reduzi-las, mas não deixa de responsabilizar a família. Em contrapartida a família se demonstra distante dando lugar para a escola questionar comprometimento, e como resultado são os alunos que são afetados com tais transferência de responsabilidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporcionou analisar a influência que os fatores externos/ambientais possuem no desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita de um indivíduo, tendo esses fatores o poder de ocasionar as dificuldades de aprendizagem. O estudo permitiu averiguar ainda como o fator socioeconômico interfere, de algum modo, no aprendizado de 5 alunos da escola São Luís, participantes do programa Residência Pedagógica.

Observou-se que as dificuldades em aprender a ler e a escrever foi algo expressivo no âmbito da escola São Luís, uma vez que a maneira com que a escola aborda o processo de alfabetização não estimulava a criança ao gosto do aprendizado, muito menos despertava o interesse e a curiosidade pelo novo, carecendo urgentemente de uma mudança das abordagens adotadas. Desse modo, pretendemos, por meio da pesquisa de campo e da entrevista realizadas com as famílias e os professores desses alunos, obter elementos importantes para a discussão do aprendizado dos alunos investigados, objetivando, com isso, futuras reduções do número de alunos que apresentam as dificuldades encontradas.

Assim, considera-se que este estudo possa contribuir para o melhoramento das abordagens dos professores em geral, sobretudo da rede município de ensino da cidade Codó, no objetivo de desenvolver no aluno e de maneira não tardia aquisição da leitura e da escrita. Do mesmo modo, levar para entendimento das famílias que é fundamental sua participação na escolarização do educando, pois com o incentivo familiar a chance de o aluno desenvolver é bem maior.

Com os dados da pesquisa, foi possível perceber que escola procura se mostrar eficiente destacando diversos métodos e recursos que auxiliam para o desenvolvimento na aquisição na leitura e na escrita do educando, com a pretensão de mudança no quadro em que o ensino se encontra. Segundo o relato dos professores, uma das grandes causas por esse quadro é a falta de incentivo por parte das famílias; por outro lado, no relato dos familiares dos alunos, foi possível observar que eles afirmam que a escola não costuma criar momentos para falar acerca das dificuldades apresentadas pelos educandos.

Como já mencionado anteriormente, para que se possa obter uma possível medida de intervenção, apostamos que a escola deveria formular um momento com as famílias que trata especificamente os fins que visam abordar cada alunos com suas

dificuldades, pautando em determinados problemas e não apenas teimando em utilizar método ultrapassado de diálogo, com o qual se tem uma sala com várias famílias ao mesmo tempo que vão somente para assinar os boletins de notas. Com isso, os assuntos que se referem ao alto índice de alunos em situações de não conseguirem aprender a ler e escrever não é muito debatido entre as partes que devem se juntar para ajudar o educando a sair do quadro de analfabeto.

Somando ao impasse escola e família temos um fator que agrava ainda mais na situação desses alunos: é notório que o cenário financeiro dessas famílias é de penúria financeira e a situação econômica em que se encontram dificulta muito para que possam ter acesso a materiais adequados de leitura e de escrita que a grande maioria das pessoas têm. Apesar de lutas e conquistas em busca de assegurar à educação para a população pobre, visando uma universalização no ensino, esse público não possui uma total garantia de seus direitos, pois são visíveis as fraturas no sistema educacional, com escolas nitidamente marginalizadas pelo poder público.

Hoje, cumpre lembrar, o direito a educação é de todos independentes da classe social, devemos isso aos movimentos sociais pela educação, que lutaram e lutam por um ensino público e sobretudo que seja de qualidade para todos. De acordo com Soares (2017, p. 106), “O processo de democratização do ensino, respostas às reivindicações das camadas populares por mais amplas oportunidades educacionais, concretizou-se em crescimento quantitativo e diversificação do alunado”.

Sabendo da prerrogativa que a escola possui na vida social do aluno, é nesse momento que ela deve mostrar-se adepta em amenizar esses obstáculos, no intuito de transformar positivamente o futuro desse público. Quanto a isso, Soares (2017) aponta que, uma escola transformadora é pois uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar as camadas populares, através de um ensino consciente, instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social.

Porém, o que é percebido na realidade vivida dentro do muro escolar é que essas propostas que visam melhorar o ensino não estão em sua maioria sendo de fato efetivadas, pois é comum encontramos um grande número de escolas públicas dos anos iniciais que estão com métodos defasados, que são, em suma, ineficientes, pautados na memorização assim como o déficit de aprendizado se torna recorrente ocasionando alunos com insucesso escolar.

É certo que existem três protagonistas nesse processo de escolarização no qual o educando está envolvido, a escola, a família e a sociedade em geral, e juntos são elementos fundamentais na vida de uma criança. Porém, o que se observa na realidade é que esses elementos da formação dos alunos acabam optando em não trabalhar de maneira conjunta, e cumprem com as partes que lhes são atribuídas na medida do possível transferindo suas responsabilidades a outros.

Conclui-se, desse modo, que a escola precisa rever seus métodos de ensino, principalmente levar em consideração o meio em que o aluno está inserido e a família precisa tratar da educação dos seus como algo importante e necessário para a sua preservação dentro da sociedade. Apesar dos desencontros nas falas dos participantes da pesquisa, fica entendido que, a família acredita mais na escola do que a escola acredita na família. Por outro lado, a família precisa posicionar-se ativamente no processo de escolarização, carecendo manter um vínculo ativo com a escola, enquanto parte da comunidade escolar, em paralelo, temos uma sociedade desigual, que só acarreta falta de oportunidade para aqueles que se encontram à margem dos seus direitos.

Portanto, nos resta atentarmos para as problemáticas desenvolvidas aqui na busca de possíveis soluções. É necessário, nesse sentido, focarmos no futuro, para isso precisamos cuidar das crianças, cuidar com zelo de sua formação, que não deixamos de cobrar, reivindicar um modelo melhor de educação, que lutemos sempre, pois, é notado que apesar de tudo que nos foi conquistado, aos poucos nossos direitos estão sendo dissolvidos, lutemos ainda mais por um ensino de qualidade para os pobres e não apenas para aqueles que possuem condições de adquiri-los.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, Marli. E. A.; PASSOS, Laurizete. F. **Para além do fracasso escolar: uma redefinição das práticas avaliativas.** In: AQUINO, Julio. G. (Org.). Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas – São Paulo: Summus, 1997. P. 111- 123.

ARELARO, Lisete Regina Gomes. **O ensino fundamental no Brasil: Avanços, perplexidade e tendências.** Educ. Soc., vol.26, n.92, p.1039 – 1066, especial – out. 2005.

BOSSOLAN, Marília. **Dificuldades de aprendizagem:** levantamento bibliográfico e análise de estudos na UNICAMP. São Paulo – Campinas, 2011.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9394/96.** Brasília. 1996.

BRASIL. **Constituição Federal (1988).** Rio de Janeiro: FAE, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, Brasília, 2017.

BRASIL. **Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2018.** Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/28022018-Portaria_n_38-Institui_RP.pdf> . Acesso em 13 de março 2020.

CAGLIARI, Luiz Carlos; GIOVANI, Fabiana. **Letras e textos.** São Paulo: Paulistana, 2015.

CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares / organizado por Jane Margareth Castro e Marilza Regattieri.** – Brasília : UNESCO, MEC, 2009.104 p. ISBN: 978-85-7652-111-2.

CHABANNE, Jean – Luc. **Dificuldades de aprendizagem:** um enfoque inovador do ensino escolar. Tradução: Regina Rodrigues – São Paulo Ática, 2006.

COLELLO, S. M. G. **a Escola Que (Não) Ensina a Escrever.** 2 – edição revisada – São Paulo: Summus, 2012.

COSTA, Cristiane Dias Martins. SILVA, José Carlos Aragão. **A produção do fracasso escolar e o projeto letrar nas escolas Municipais de Codó/maranhão.** In: VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS, 2018, Fortaleza – CE. Anais. Disponível em:<<http://editorarealize.com.br/revistas/enalic/trabalhos/443-55468-01122018-102919.pdf>> . Acesso em 23 de abril. 2020.

FERREIRA, Lucia Garcia. **Duas Visões Psicopedagógicas sobre O Fracasso Escolar.** Revista da associação brasileira de psicopedagogia. Itapetinga – BA, 2008.

Disponível em: < <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/317/duas-visoespsicopedagogicas-sobre-o-fracasso-escola> >. Acesso em 05 de Nov. de 2019.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Sucesso e Fracasso Escolar**. In: Coleção Veredas: formação superior de profisses. Módulo 6, Volume 3. Belo Horizonte: SEE/MG, 2004.

GONTIJO, C. M. M. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOUVEIA, Joana. M. S. **Hábitos de leitura em crianças e adolescentes**: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade Portucalense, 2009.

HERMINDA, J, F. **A reforma educacional no Brasil (1988-2001)**: Processos legislativos, projetos em conflitos e sujeitos históricos. Paraíba: Ed. Universitária da UFPB, 2006.

LARA, Eleane Maria Teixeira de. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita**. Manancial repositório digital UFSM, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/472>> . Acesso em: 03 de Nov. de 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LYRA, J. H. Glaciene. **As dificuldades de aprendizagem no contexto escolar; patologias ou intervenções pedagógicas não adequadas**: o universo do impedimento do não saber; o ser aprendiz em risco. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, 2015. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/dificuldades-de-aprendizagem-no-contexto-escolar-patologias-ou-intervencoes-pedagogicas-nao>>. Acesso em: 03 de nov. 2019.

MENDES, E.C.C.S, e BRUNONI, Decio. **Competência em leitura**: interface entre contextos psicossocial, familiar e escolar [online]. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015. Saberes em tese collection, vol. 11. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/g2v7w/epub/mendes-9788582937242.epub>. Acesso em 03 de Nov. de 2019.

MENEGHETTI, Ana Cláudia F; SOUZA, Fernanda. **Dificuldade de aprendizagem escola, família e comunidade como grandes aliados e Formação do autoconceito**, 2010. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/TCC-Ana-Claudia-Figueiredo-Meneghetti.pdf>>. Acesso em: 23 de Jan. 2020.

NEVES, José Luís. **"Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades."** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo 1.3 (1996): 1-5.

PAIVA, V L M O. **Manual de pesquisas de estudos e linguísticas**: 1 Ed. São Paulo: parábola, 2019. Paulo: Cortez, 1982- Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; V.4.

PIETRI, Emerson de. **Os estudos linguísticos e a constituição de objetos de discurso**: Os conceitos da linguística textual como referência para o tratamento teórico-analítico da escrita escolar. Alfa revista de linguística. Alfa. São Paulo, 2014 Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5748/5015>>. Acesso em 3 de nov. de 2019.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 17ª ed. Ática. São Paulo, SP. 2006.

PIMENTEL, Maristela. **Escola e família**: integração para o desenvolvimento escolar. Revista Científica Cognitio, on-line, Mato Grosso, N. 02, Nov. 2016. Disponível em: <<https://aces4r.wixsite.com/revistacientifica/ed-2-art-5>>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

QEDU. **Codó**: Ideb 2017. Disponível em: <<https://gedu.org.br/cidade/4306-codo/ideb>>. Acesso em 05 de Nov. de 2019.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e Ensino**: guia introdutório. São Paulo: Parábola, 2016.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO GOVERNO DO MARANHÃO. **Caderno de orientações pedagógicas – gestão escolar**. São Luís, 2016.

SILVA, José C. A; COSTA, Cristiane D. M; PEREIRA, Guilherme Willisngton T. **O projeto letrar e os desafios da alfabetização em Codó**. In: CARVALHO, Maria. V.C; CARVALHÊDO, Josania. L. P. Questões sobre educação e ensino. Teresina: EDUFPI, 2016. Coleção Caminhos da Pós Graduação em Educação no Nordeste do Brasil; v.4

SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. Editora da universidade estadual de Campinas. 11 ed. coleção passando a limpo. Campinas, SP, 2003.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: 3ª edição, Ed. Autêntica, 2014.

SOARES, M. **Língua escrita, sociedade e cultura**. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, v. 0, p. 5-16, set./dez. 1995.

SOARES, M. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social. São Paulo: 18 Ed, Contexto, 2017.

SOUZA, M. E. do P. **Família/Escola**: a importância dessa relação no desempenho escolar. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná, 2009.

VIANA, Rosineide Oliveira; VIANA JUNIOR, Carlos Alberto da Cruz. **Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 16. pp.235-251, Março de 2017. ISSN:2448-0959.

ZUANETTI, Patrícia Aparecida, et al. **Principais alterações encontradas nas narrativas escritas de crianças com dificuldades em leitura/escrita.** *Revista CEFAC*, 2016, 18.4: 843-853.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário aplicado aos professores (as)

1. Qual sua formação? e quanto tempo trabalha como professor(a)?

2. Há quanto tempo você é professor? (a) na escola São Luís?

3. Em qual turma você leciona?

4. Em sua sala, existe aluno que não aprendeu ler ou escrever? Se sim, quantos?

5. Nos últimos 12 meses, participou de algum projeto ou algum estudo de formação continuada, principalmente relacionada à leitura e a escrita? Se sim, qual?

6. Em suas práticas em sala de aula, como que você aborda as produções de leitura e escrita ?

7. Em sua sala de aula possui o cantinho da leitura? Se sim, ele é usualmente frequentado e aproveitado pelos alunos? e qual a frequência das visitas?

8. Você costuma conversar com a família do (a) aluno(a) quando você percebe que não está apresentando um bom desempenho nas atividades propostas?

9. A família tem o hábito de procurar saber como está o desenvolvimento do (a) filho (a)?

10. Você considera-se um leitor? Com que frequência você lê e que tipo de literatura você consome?

11. A escola realiza projetos que incentiva os alunos para o hábito da leitura? () SIM () NÃO. Em caso afirmativo, cite alguns dos projetos realizados

12. É sabido que na escola há presença de alunos que não apresentam um bom rendimento no que se refere ao ler e escrever. Nesse sentido, quais as medidas adotadas pela escola para mudar esse quadro?

13. Sobre as dificuldades de aprendizagens apresentadas em alguns alunos, o que você acredita, que podem estar ocasionando-as?

Apêndice B – Questionário aplicado as famílias

1. Quantas pessoas vivem na sua casa hoje?

2. Sobre a renda da família:

- menor do que um salário mínimo
- um salário mínimo
- dois salários mínimo
- mais de dois salários mínimo

3. Qual o grau de instrução dos responsáveis pelo (a) aluno (a)

MÃE

- Não estudou
- alfabetizado
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- pós graduação

PAI

- Não estudou
- Alfabetizado (a)
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós graduação

AVÓ/ AVÔ

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Não estudou | <input type="checkbox"/> Alfabetizado (a) |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino superior completo |
| <input type="checkbox"/> Pós graduação | |

IRMÃO/IRMÃ

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Não estudou | <input type="checkbox"/> Alfabetizado (a) |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino superior completo |
| <input type="checkbox"/> Pós graduação | |

4. Sobre o ensino desenvolvido na escola São Luís, você o considera:

- Irregular Regular Bom Ótimo

5. A família costuma ter hábito de leitura e escrita. Se sim, com que frequência?

6. A família costuma acompanhar nas atividades escolares passadas para casa?

- sim / não

7. Vocês incentivam para que seu filho leia?

- sim / não

8. A família é informada pela escola acerca do desempenho escolar do educando (a)? se sim, de que maneira ocorre esse diálogo?

- sim, por meio de correspondências; não